



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**TACIELE DOS SANTOS SOUZA**

**AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM ESTUDO SOBRE AS PRÁTICAS  
AVALIATIVAS PARA CRIANÇAS DE 5 ANOS EM UM MUNICÍPIO DA BAHIA**

**AMARGOSA - BA  
OUTUBRO - 2023**

**TACIELE DOS SANTOS SOUZA**

**AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM ESTUDO SOBRE AS PRÁTICAS  
AVALIATIVAS PARA CRIANÇAS DE 5 ANOS EM UM MUNICÍPIO DA BAHIA**

Monografia apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Pedagogia, no Centro de Formação de Professores – CFP, pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Alessandra Gomes

**AMARGOSA – BA  
OUTUBRO – 2023**

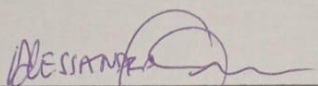
**TACIELE DOS SANTOS SOUZA**

**AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM ESTUDO SOBRE AS PRÁTICAS  
AVALIATIVAS PARA CRIANÇAS DE 5 ANOS EM UM MUNICÍPIO DA BAHIA**

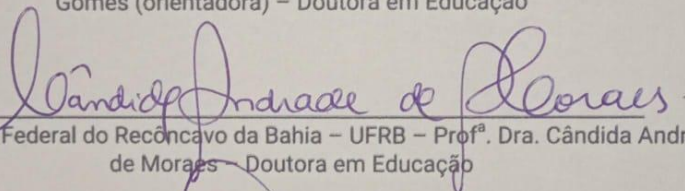
Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Pedagogia, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia, pela seguinte banca examinadora.

Aprovada em 26/10/23

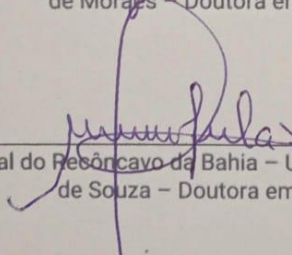
**BANCA EXAMINADORA**



Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB – Prof<sup>a</sup>. Dra. Alessandra  
Gomes (orientadora) – Doutora em Educação



Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB – Prof<sup>a</sup>. Dra. Cândida Andrade  
de Moraes – Doutora em Educação



Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB – Prof<sup>a</sup>. Dra. Fernanda Cristina  
de Souza – Doutora em Educação

Amargosa - Ba, 26 de Outubro de 2023

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, ao meu filho Théo, a minha família, aos meus amigos, e a minha orientadora, aos quais serei eternamente grata por todo apoio e incentivo para que esse sonho fosse concretizado.

## **AGRADECIMENTOS**

Sou grata primeiramente a Deus, que me sustentou, me guiou e me deu forças para chegar até aqui. Agradeço pela sua infinita bondade, e por mesmo em meio as dificuldades me fazer enxergar que Ele sempre está comigo me fazendo sentir a sua presença. Agradeço por Ele está cumprindo a sua fiel e infalível promessa em minha vida. Agradeço a Deus por essa grande VITÓRIA!

Agradeço ao meu filho Théo por ser o meu maior motivador, a minha maior inspiração e o principal motivo de eu não nunca desistir dos meus sonhos.

Agradeço a minha família por todo apoio e incentivo para que alcance meus objetivos, em especial a minha mãe Lourdes, que nunca me deixou desistir dos meus sonhos, sempre lutou por eles junto a mim e sempre foi meu grande exemplo de pessoa, mulher, profissional e mãe.

Agradeço ao meu padrasto Jones, que nunca hesitou que eu fosse capaz de conquistar meus objetivos e sempre me apoiou.

E a minha irmã Taiane, que também sempre me incentivou a ir em busca dos meus sonhos.

Agradeço aos meus amigos, em específico à Aline, Tailane, Gislene, Carol, Jozy e ao meu sobrinho João, Dona Lene, Flávio, Adryane e meu pitico José. Obrigada por todo incentivo, por entenderem meus sumiços, por compreenderem minhas ausências e por se alegrarem com as minhas conquistas. Obrigada por acreditarem em mim.

A minha avó Enedite por todo carinho, por se alegrar com minhas conquistas.

Ao meu pai César e minha tia Noélia por todo amor e carinho.

Agradeço a minha Orientadora Alessandra, por ter aceitado orientar – me. Agradeço pela disponibilidade, parceria, compreensão, pelos momentos de apoio e incentivo, por acreditar que eu seria capaz de chegar até aqui e me mostrar que posso ir ainda mais longe. Obrigada por todo auxílio, foi de suma importância para concretização desse sonho.

Agradeço a todos (as) que contribuíram direta ou indiretamente para realização deste trabalho, aos amigos (as) que a universidade me presenteou. Agradeço grandemente a todos (as) pelo carinho!

Gratidão!

*Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre.*  
*Paulo Freire*

SOUZA, Taciele dos Santos. **Avaliação na Educação Infantil: Um estudo sobre as práticas avaliativas para crianças de 5 anos em um município da Bahia** 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, CFP – Centro de Formação de Professores. Amargosa, 2023.

## RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de curso, intitulado “Avaliação na Educação Infantil: Um estudo sobre as práticas avaliativas para crianças de 5 anos em um município da Bahia”, buscou investigar as concepções e práticas avaliativas presentes em uma escola pública de Educação infantil. A investigação envolveu – como técnicas de pesquisa – momentos de observação, análise de instrumento de avaliação aplicado junto às turmas de 5 anos, entrevista com 4 educadoras (a professora da sala investigada, a auxiliar da mesma sala, a Coordenadora da escola e uma estagiária, estudante da UFRB e vinculada a um Programa federal de estágio curricular supervisionado). A partir do levantamento bibliográfico de autores tais como Luckesi (2005), Vasconcellos (1998), Rabelo (1998), Hoffman (2012), Freire (1984), que embasaram as discussões teóricas referentes à avaliação no âmbito da Educação Infantil em específico da pré-escola, enfatizamos a potencialidade da avaliação para o desenvolvimento das crianças e também para a promoção de uma educação de qualidade, ampliação currículo escolar, promoção de metodologias de ensino, desenvolvimento ou aquisição de novas práticas de ensino e pedagógicas. Destacamos também a importância do professor neste processo de avaliação para, através disso, promover novas aprendizagens. A partir da análise dos dados percebeu-se a potencialidade da avaliação na Educação Infantil, uma vez que está ainda é vista como uma ferramenta de atribuição de certo ou errado, de taxar o aluno como mais ou menos inteligente sem considerar que ele é detentor do seu próprio conhecimento. A avaliação na pré-escola se utilizada com sabedoria e sem exigências ou critérios rígidos pode ser uma possibilidade de promover uma aprendizagem leve e dinâmica, e também para o compartilhamento de saberes, valores e visões de mundo.

**PALAVRAS – CHAVES:** Aprendizagem. Avaliação. Educação Infantil. Ensino. Pré-escola.

## **ABSTRACT**

The present Work of Conclusion of course, entitled "Evaluation in Early Childhood Education: A study on evaluative practices for children of 5 years in a municipality of Bahia" conceptions and evaluation practices present in a public school of early childhood education. The investigation involved - as research techniques - moments of observation, analysis of evaluation instrument applied to the 5-year classes, interview with 4 educators (the teacher of the investigated room, the assistant of the same room, the school Coordinator and an intern, student of UFRB and linked to a federal supervised curricular internship program). From the bibliographical survey of authors such as Luckesi (2005), Vasconcellos (1998), Rabelo (1998), Hoffman (2012), Freire (1984), who based the theoretical discussions regarding the evaluation in the field of Early Childhood Education in specific of the school, we emphasize the potential of evaluation for the development of children and also for the promotion of quality education, expansion of school curriculum, promotion of teaching methodologies, development or acquisition of new teaching and pedagogical practices. We also highlight the importance of the teacher in this evaluation process to promote new learning. From the analysis of the data it was realized the potential of the evaluation in Early Childhood Education, since it is still seen as a tool of attribution of right or wrong, of taxing the student as more or less intelligent without considering that he is the holder of his own knowledge. The evaluation in preschool if used wisely and without rigid requirements or criteria can be a possibility to promote a light and dynamic learning, and also for the sharing of knowledge, values and worldviews.

**KEYWORDS:** Learning. Evaluation. Early childhood education. Teaching. Preschool.



## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

DCNEI – Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC – Ministério da Educação

PIBID – Programa de Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência

RCNEI – Referencial Curricular Nacional Para a Educação Infantil

RP – Programa de Residência Pedagógica

SME – Secretaria Municipal de Educação

UFRB – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>1. CAPÍTULO - EDUCAÇÃO INFANTIL: CONTEXTO HISTÓRICO E POLÍTICAS PÚBLICAS .....</b>	<b>14</b>
<b>2. CAPÍTULO - CONCEPÇÕES E ESPECIFICIDADES DA AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL .....</b>	<b>20</b>
<b>3. CAPÍTULO METODOLÓGICO .....</b>	<b>26</b>
3.1 Abordagem .....	26
3.2 Técnicas .....	26
3.3 Estrutura da escola pesquisada .....	28
3.4 Sujeitos da pesquisa .....	29
<b>4. CAPÍTULO - ANÁLISES, RESULTADOS E DISCUSSÕES .....</b>	<b>30</b>
4.1 Percepções da turma .....	30
4.2 Análise das diagnósticas avaliativas da I e II Unidade .....	30
4.3 Concepções da professora .....	37
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>48</b>
<b>6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>50</b>
<b>7. ANEXOS .....</b>	<b>54</b>
7.1 Anexo 1 – Tabulação da I Unidade .....	54
7.2 Anexo 2 – Tabulação da II Unidade .....	56
7.3 Anexo 3 – Entrevista com a Professora Regente .....	58
7.4 Anexo 4 – Entrevista com a Professora de Apoio .....	62
7.5 Anexo 5 – Entrevista com a Coordenadora Pedagógica .....	64
7.6 Anexo 6 – Entrevista com a Estagiária do Programa de Residência Pedagógica .....	67

## INTRODUÇÃO

A avaliação é um meio de averiguar os conhecimentos dos alunos em determinados conteúdos, assim como investigar se esses alunos têm conseguido compreender e absorver os assuntos trabalhados, contribuindo também para o processo educacional em diversos aspectos.

Nesse sentido, a avaliação tem sua função pedagógica ao contribuir para o processo de formação, pois permite uma reflexão acerca do desenvolvimento de habilidades, conhecimentos e também para examinar as dificuldades dos alunos. Além disso, a avaliação permite ao docente descobrir se suas práticas pedagógicas e de ensino tem sido adequada a ponto de que a sala de aula insira a todos os alunos no contato e apreensão de distintos conhecimentos, contribuindo, desse modo, para o desenvolvimento desses alunos, pois é nesse momento que o professor tem uma base de que a sua forma de ensino tem contribuído ou não para o processo de ensino e aprendizagem.

Tendo em vista que apesar de sua importância, as discussões acerca das práticas avaliativas na Educação Infantil ainda vêm ganhando espaço nos diálogos educacionais, o interesse em realizar esse estudo surgiu mediante a uma vivência na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – Centro de Formação de Professores – ao cursar o componente de “Avaliação em Educação”, com a professora Alessandra Gomes. Os estudos, discussões e experiências desse componente despertou em mim a curiosidade de compreender porque as práticas avaliativas são fundamentais no processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças com faixa etária de 5 anos.

A motivação em realizar esse estudo também veio de uma experiência pessoal, uma vez que meu filho atualmente tem 5 anos de idade e sempre o acompanho nas atividades escolares e nos estudos em casa. Associando esse acompanhamento com as aulas do componente “Avaliação e Educação” me interessei em buscar compreender como essa avaliação é feita na prática, quais as ferramentas são utilizadas e em que essas avaliações são baseadas.

Levando em consideração que quando falamos em avaliação escolar no Ensino Fundamental, Ensino Médio e nas Universidades, as práticas avaliativas se resumem à atribuição de notas, essa foi uma outra motivação para desenvolver esse estudo, pois meus professores na maioria das vezes eram aqueles que aplicavam conteúdos, e nós como alunos deveríamos praticamente memorizar aquilo que era passado, como uma certa forma de reprodução, ou seja, o professor ensinava e nós deveríamos copiar e durante as provas tínhamos de reproduzir todo esse conteúdo de forma escrita e se houvesse notas baixas era um sinal de

que o aluno não estava aprendendo, se esforçando, mas nunca como um meio de o professor analisar suas práticas de ensino.

Desta forma, objetivo compreender quais critérios são utilizados para a avaliação na pré-escola, uma vez que na Educação Infantil não há atribuições de notas como acontece nas demais modalidades de ensino. Logo, busco investigar quais os meios utilizados para que essas práticas avaliativas ocorram e como elas contribuem tanto no desempenho do aluno como nos métodos e práticas pedagógicas do professor.

Com isso, os problemas relacionados à avaliação escolar vão desde a compreensão de como se dá e quais ferramentas são utilizadas nas práticas avaliativas, até as metodologias de ensino, currículo escolar, gestão escolar e formação do professor.

Como graduanda de um Centro de Formação de Professores, vejo que é essencial entendermos o que de fato é a avaliação. Acredito que avaliar não é somente atribuição de notas, mas sim, uma forma de examinar tanto o aluno quanto o professor e o sistema de ensino. Vejo que a avaliação serve para orientar o professor de forma que possa planejar as atividades de acordo com as dificuldades e habilidades de cada aluno. Contudo, a avaliação é também uma forma de atribuir uma qualidade, sendo ela positiva ou negativa às aulas e ao aprendizado.

Portanto, o presente trabalho tem o objetivo de buscar entender como o estudo sobre as práticas avaliativas para crianças da Educação Infantil, com idade de 5 anos, pode impactar direta ou indiretamente na melhoria das metodologias de ensino, nas práticas pedagógicas, no currículo escolar, na formação profissional dos professores, trazendo assim um melhor desenvolvimento e aprendizado para os alunos, melhor atuação da gestão escolar e contribuindo também para uma escola mais participativa.

Tendo em vista os aspectos anteriormente descritos, a referida pesquisa tem como problema entender como acontece a avaliação escolar na fase pré-escolar e qual a eficácia dessas práticas avaliativas para o desenvolvimento das crianças, de modo a orientar intervenções, planejamentos, intervenções didáticas, colaborando assim para a melhoria da qualidade da educação. Tivemos como **objetivo geral** *investigar como acontece o processo de avaliação da aprendizagem das crianças na Educação Infantil numa escola pública do município de Estrelado<sup>1</sup>-Bahia* e como **específicos**: *pesquisar sobre a avaliação da aprendizagem para crianças da Educação Infantil a partir da escuta de distintos sujeitos: professoras da sala, gestora da escola e estudante de Pedagogia da UFRB)* e da análise de instrumento de avaliação aplicado pela escola às turmas de 5 anos de idade.

---

<sup>1</sup> Nome fictício utilizado para o município onde a pesquisa foi realizada.

Para nos auxiliar no processo de reflexão acerca do assunto buscamos autores com diferentes contribuições, a começar por Luckesi (2005), que diz:

Na avaliação nós não precisamos julgar, necessitamos isto sim, de diagnosticar, tendo em vista encontrar soluções mais adequadas e mais satisfatórias para os impasses e dificuldades. Para isso, não é necessário nem ameaça, nem castigo, mas sim acolhimento e confrontação amorosa. (Luckesi, 2005, p. 33)

O trecho de Luckesi nos leva a pensar que a avaliação escolar deve ser utilizada como uma ferramenta de observação para compreensão dos níveis de desempenho dos alunos, professores e da escola como um todo.

Para Vasconcellos (1998), a avaliação é um processo abrangente da existência humana que implica reflexão sobre a prática, no sentido de diagnosticar seus avanços e dificuldades e, a partir dos resultados, planejar tomadas de decisão sobre as atividades didáticas posteriores.

Desta forma, percebemos que por meio da avaliação é possível a melhoria das metodologias de ensino, funcionamento da gestão escolar, do processo formativo do professor, das práticas pedagógicas, implementação de currículos, análise acerca do desenvolvimento e aprendizado dos alunos de forma coletiva e individual e permitindo também visualizar as dificuldades de ensino-aprendizagem no intuito de trazer melhorias para o ensino. Com isso, Luckesi (2005) destaca que o papel da avaliação é diagnosticar a situação da aprendizagem, tendo em vista subsidiar a tomada de decisão para a melhoria da qualidade do desempenho do educando.

De acordo com Luckesi (1995), a prática escolar usualmente denominada avaliação da aprendizagem tem pouco a ver com avaliação. Ela é basicamente constituída a partir das provas/exames e na maioria das escolas, a ação do professor é limitada a transmitir, verificar, corrigir e atribuir uma nota ou conceito.

Segundo o autor, o processo educativo se desenvolve em momentos estanques, sem elos de continuidade, desconectados em termos de progressão na construção do conhecimento. Sendo assim, quando se fala em avaliação os professores tendem a levar em consideração o ato de reprodução do conhecimento, onde o aluno deve memorizar tudo aquilo que vem sendo “ensinado” em sala de aula e em muitas vezes as avaliações são feitas por meio de provas, onde as notas obtidas taxam os alunos como inteligentes ou não, se passarão de ano ou não, e isso acaba levando à chamada avaliação classificatória que não está interessada na aprendizagem das crianças, mas na classificação, aprovação ou retenção.

Na concepção de Rabelo (1998, p.14) “a avaliação exercida apenas com a função de classificar alunos não dá ênfase ao desenvolvimento, em pouco ou em quase nada auxilia o crescimento deles na aprendizagem”.

Hoffmann (2012, p. 13) também destaca que “avaliar não é julgar, mas acompanhar um percurso de vida da criança, durante o qual ocorrem mudanças em múltiplas dimensões, com intenção de favorecer o máximo possível seu desenvolvimento”. Hoffmann (2012) afirma que o primeiro o processo avaliativo consiste em acompanhar e compreender o desenvolvimento infantil. A primeira base do processo avaliativo da educação infantil é a curiosidade do professor sobre as crianças, o ato de refletir sobre elas, de maneira a contribuir para questões que guie o professor a ser agente investigativo do processo de aprendizagem do aluno, de forma investigativa e mediadora.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil (BRASIL, 1998), os principais instrumentos avaliativos são a **observação** e o **registro**, através dos quais o professor pode fazer a abordagem contextualizada dos processos de aprendizagem das crianças, das qualidades de interações e acompanhar os processos. Com isso, vale destacar que o olhar avaliativo é o modo que o professor tem na Educação Infantil de explorar constantemente o mundo da criança, tendo em vista que, observar e compreender o desenvolvimento infantil e suas etapas é fundamental para que o professor possa desenvolver o trabalho pedagógico.

Em resumo, a avaliação na Educação Infantil deve ser um processo sensível e flexível, que leva em consideração as características individuais de cada criança. Isso não apenas ajuda a entender o desenvolvimento de cada criança, mas também auxilia os educadores na adaptação de suas práticas pedagógicas para atender às necessidades específicas de cada aluno, promovendo assim um desenvolvimento de qualidade na primeira infância.

Diante de todos os estudos, pesquisas e leituras realizadas junto ao tema avaliação, vimos que esta é parte integrante do processo de ensino e aprendizagem. Apesar de ser um tema que ainda vem ganhando espaço no contexto educacional e a cada dia seu conceito e prática vêm sendo aprimorados, a avaliação deve ser vista como um componente importante para o processo formativo do aluno, possibilitando uma reflexão constante das suas habilidades e dificuldades, bem como do papel da educação como uma ponte de transformação social.

Contudo, a avaliação não deve priorizar apenas o resultado, mas deve como prática educacional, proporcionar a investigação, a interrogação, além de enriquecer os conhecimentos construídos e as dificuldades de uma forma dialógica.

Quanto à abordagem desta pesquisa, ela teve caráter qualitativo descritivo e exploratório, objetivando maiores possibilidades de questionamentos e alcance de dados sobre o assunto abordado. Para isso, os estudos foram embasados em referências bibliográficas tais como Gil (1991 e 2017), Marconi e Lakatos (1992), Hoffmann (2009), Vasconcelos (1998).

A pesquisa descritiva, seguida da exploratória, possibilita observar, registrar e analisar os objetos de estudo gerando no pesquisador um olhar crítico e investigativo. Para melhores resultados, outras ferramentas utilizadas foram as técnicas de observações e entrevista semi-estruturada.

Desse modo, além da pesquisa qualitativa, descritiva e exploratória este estudo teve como campo de investigação uma escola de Educação Infantil, mais especificadamente na pré-escola, em uma turma de 5 anos, na cidade de Amargosa/BA.

A escolha dessa escola e idade possibilitou uma maior compreensão de como os professores utilizam as ferramentas avaliativas no sentido de ver a avaliação como uma forma de melhorar o desenvolvimento da aprendizagem, melhorar a relação professor/aluno, contribuir no processo de autoanálise do profissional, da gestão escolar, entre outros aspectos. Logo, os pontos observados, analisados e descritos auxiliaram na construção de conhecimento, permitindo assim a fundamentação desta pesquisa.

## CAPÍTULO 1

### EDUCAÇÃO INFANTIL: CONTEXTO HISTÓRICO E POLÍTICAS PÚBLICAS

Inicialmente rotulados como “Jardim de infância”, o surgimento da Educação Infantil tinha como objetivo suprir as necessidades educacionais da criança e o lugar da família, esses espaços eram destinados às crianças das classes sociais menos favorecidas e constituíam-se num meio de promover a organização familiar e de dar condições para o trabalho à mãe, fato ocasionado em função da crescente urbanização e estruturação do capitalismo. Nesse sentido, Kuhlmann Jr. (2000, p. 12) explica que “[...] anteriormente não se pensava em generalizar a creche, destinada apenas às mães pobres que precisassem trabalhar. Não se cogitava de que mulheres de outra condição social pudessem querer trabalhar quando gerassem crianças pequenas e, caso isso ocorresse, a solução deveria ficar no âmbito do doméstico, do privado”.

Segundo as autoras Lia Beatriz de Lucca Freitas e Terri Lisabeth Shelton (2005), as primeiras instituições voltadas às crianças pequenas surgiram a partir do século XIX, com a criação da “Roda dos Expostos”, que tinha como objetivo diminuir a taxa de abandono infantil no país. E em 1899, foi fundado o Instituto de Proteção e Assistência à Infância do Rio de Janeiro e a primeira creche para filhos de pais trabalhadores do país. Nesse sentido, os jardins de infância se diferenciavam da creche pelo fato de que o jardim de infância tinha como objetivo atender as crianças de famílias abastadas, crianças com melhores condições financeiras e visavam a educação. Enquanto as creches eram destinadas às crianças da classe trabalhadora e tinham como foco o “cuidado”.

Nos anos de 1970, as políticas educacionais voltadas à educação de crianças de 0 a 6 anos defendiam a educação compensatória com vistas à compensação de carências culturais, deficiências linguísticas e defasagens afetivas das crianças provenientes das camadas populares.

No Brasil, só em 1974, o pré-escolar recebeu atenção do governo federal, evidenciado na criação da Coordenação de Educação Pré-Escolar (MEC/COEPRE), em documentos e pareceres do Conselho Federal de Educação. Apesar dos equívocos das propostas compensatórias, elas tiveram na década de 1970 o papel de impulsionar o debate sobre funções e currículos da pré-escola, legitimando a educação pré-escolar, relacionando pré-escola e escola de 1º grau. Porém, com o Programa Nacional de Educação Pré-Escolar, lançado em 1981, o MEC implementou ações de expansão do atendimento de crianças a baixo custo, defendendo uma pré-escola com vagos “objetivos em si mesma”, desvinculada da escola de 1º grau (Kramer, 2006, p. 4).



Sendo assim, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional aprovada em 1961 (Lei 4024/61) aprofundou a perspectiva apontada desde a criação dos jardins-de-infância: sua inclusão no sistema de ensino. Assim dispunha essa lei:

Art.23 – “A educação pré-primária destina-se aos menores de até 7 anos, e será ministrada em escolas maternas ou jardins-de-infância”.

Art. 24 – “As empresas que tenham a seu serviço mães de menores de sete anos serão estimuladas a organizar e manter, por iniciativa própria ou em cooperação com os poderes públicos, instituições de educação pré-primária”.

Com o passar dos anos, o olhar e atenção voltados para a criança foram se aprimorando, ganhando espaços e discussões. Desta forma, várias leis, decretos, regimentos e documentos foram criados em prol de melhores condições de ensino para as crianças. Sendo assim, surgiram as creches e as pré-escolas, que hoje constituem a Educação Infantil, primeira etapa da educação básica.

A Constituição Federal de 1988, traz em seu art. 208 que: O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: IV – educação infantil, em creche e pré-escola, às crianças até 5 (cinco) anos de idade (Brasil, 1988). Já o Estatuto da Criança e do Adolescente (lei n. 8.069/90), diz em seu art. 54 que é dever do Estado assegurar à criança e ao adolescente: IV – atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a seis anos de idade (Brasil, 1990a).

Campos (1992, p. 19) afirma que o quadro geral esboçado pelos dados disponíveis para a década de 1980 caracteriza-se por uma grande instabilidade e por sérios desencontros na direção e gestão das políticas federais de financiamento dos programas de pré-escolares e creches no país. A transição política resultou em expressivos ganhos legais, com a promulgação da Constituição de 1988 e o Estatuto da Criança e do Adolescente, em 1990. No entanto, os novos direitos reconhecidos para as crianças menores de 7 anos não foram garantidos por nenhuma previsão em relação a uma fonte específica de recursos.

Em 1994, o MEC estabeleceu metas através da Política Nacional de Educação Infantil, como por exemplo a expansão de vagas e políticas de melhoria de atendimento às crianças. Já em 1996, foi reformulada e promulgada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, legislação que regulamenta o sistema educacional público e privado do Brasil, que vai da educação básica até o ensino superior e abarcando também o superior. No que diz respeito à Educação Infantil a LDB (lei 9394/96) estabelece que:

Art. 21. A educação escolar compõe-se de: I – educação básica, formada pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio; II – educação superior.

Art. 29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em

seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Art. 30. A educação infantil será oferecida em: I – creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade (Brasil, 1996).

Em 1998, o MEC editou o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RCNEI), como parte dos Parâmetros Curriculares Nacionais. Esses documentos foram os principais instrumentos para elaboração e avaliação das propostas pedagógicas das Instituições de Educação Infantil do país.

O RCNEI é composto por três volumes e é responsável por nortear ações, não é um documento obrigatório e é dividido em dois âmbitos de experiência, o primeiro é o âmbito de formação social e pessoal como eixo de trabalho e identidade autonomia, o segundo âmbito é a formação de conhecimento de mundo, como: Movimento, Música, Artes Visuais, Matemática, Linguagem oral e escrita, Natureza e Sociedade.

A partir daí a Educação infantil passa a ser vista por um novo ângulo, valorizando a criança e considerando-a capaz de produzir seu próprio conhecimento, e desta forma o professor torna-se um mediador entre a criança e o mundo.

Segundo consta no Plano Nacional de Educação, aprovado pela lei n. 10.172 de 9 de janeiro de 2001:

[...] o atendimento de qualquer criança num estabelecimento de educação infantil é uma das mais sábias estratégias de desenvolvimento humano, de formação da inteligência e da personalidade, com reflexos positivos sobre todo o processo de aprendizagem posterior. Por isso, no mundo inteiro, esse segmento da educação vem crescendo significativamente e vem sendo recomendado por organismos e conferências internacionais (Brasil, 2001).

Em 2009 surgiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil que estão presentes na Resolução Nº 5, de 17 de dezembro de 2009. Na sequência observa – se dois artigos acerca dos objetivos da DCNEI:

Art. 1º A presente Resolução institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil a serem observadas na organização de propostas pedagógicas na Educação Infantil.

Art. 2º As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil articulam-se com as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica e reúnem princípios, fundamentos e procedimentos definidos pela Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, para orientar as políticas públicas na área e a elaboração, planejamento, execução e avaliação de propostas pedagógicas e curriculares.

Em 20 de dezembro de 2017 foi homologada a BNCC – Base Nacional Comum Curricular. Nela encontra-se um conjunto mínimo de ações e atividades que os municípios deverão garantir no que diz respeito ao ensino da educação básica.

Para a Educação Infantil o documento possui dois *eixos estruturantes*: o primeiro compreende as interações e o segundo as brincadeiras. Além disso possui os *campos de experiência*: O eu, o outro e o nós; Corpo, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala, pensamento e imaginação; Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações. Além disso, a BNCC apresenta seis direitos de aprendizagem, são eles: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se.

Apesar dos documentos anteriormente discutidos fazerem parte das políticas públicas voltadas para o ensino, desenvolvimento e aprendizado das crianças, é válido ressaltar que a Educação Infantil ainda vem sofrendo lacunas, e ainda existem dificuldades no que tange a educação de crianças. É importante que repensemos as políticas públicas atualmente existe e pensemos em políticas futuras com o propósito de melhorar, qualificar e valorizar a educação de crianças.

O cuidado é um ato em relação ao outro e a si próprio que possui uma dimensão expressiva e implica em procedimentos específicos. [...] Para cuidar é preciso antes de tudo estar comprometido com o outro, com sua singularidade, ser solidário com suas necessidades, confiando em suas capacidades. Disso depende a construção de um vínculo entre quem cuida e quem é cuidado. (Brasil, 1998b, pp. 24-25)

Seguindo essa perspectiva, é necessário que as creches e/ou pré-escolas deixem de ser vistas como um lugar apenas de “cuidado”, mas que a escola para crianças passe a ser vista com um lugar de desenvolvimento cognitivo, social, motor, emocional, um lugar que implicará no processo de construção de identidade da criança, do “eu”, de independência, criatividade, autonomia, construção de laços e afetos. É preciso ressignificar o cuidar na Educação Infantil.

Mesmo diante de tantos avanços e políticas, a Educação Infantil é uma fase escolar que ainda requer muitas discussões, estudos, análises e que novos olhares se voltem para ela e para as crianças. É necessário que questionemos: o que tem sido priorizado, questionado e analisado para a criação de políticas públicas para Educação Infantil? Quais interesses têm sido defendidos? Que educação estamos oferecendo? Quem tem feito parte desse processo?

É nesse sentido que a avaliação se faz presente como um instrumento de análise e coleta de dados para averiguar os pontos negativos e positivos da Educação Infantil e das políticas públicas a ela direcionada. Importante também destacar que nesse processo de avaliação

educacional, institucional, inclui a formação e profissão docente, ressaltando que as discussões voltadas para políticas de formação, qualificação e profissão docente surgiram a partir da necessidade de estruturar e construir um currículo que atendesse as necessidades educacionais das crianças da Educação Infantil de 0 a 6 anos (creches e pré-escolas).

Diante dessa discussão, é necessária uma atenção especial para a formação docente, que em muitas vezes profissionais não habilitados têm assumido a responsabilidade de educar as crianças de creches e pré-escolas, o fato de as instituições privadas irem contra a legislação no que diz respeito a instalações adequadas e formação de profissionais é outro ponto que merece atenção. Com isso Kramer (2006, p. 9), destaca que os desafios da Educação Infantil envolvem também questões como a gestão municipal, lideranças locais, a trajetória de formação dos profissionais principalmente com relação à alfabetização e os primeiros anos do ensino fundamental e um ponto maior que são os recursos, os investimentos oferecidos única e exclusivamente para melhoria do ensino infantil e da qualificação de professores.

Para Campos (1997), a educação infantil parece ser uma das áreas educacionais que mais retribui à sociedade os recursos nela investidos, contribuindo à escolaridade posterior, tema que segundo a autora, permaneceu em discussão nos últimos 30 anos e que tem evidente repercussão para as políticas sociais e para as políticas públicas das instâncias federal, estadual e municipal.

Contudo, devemos pensar a Educação Infantil como um momento em que se desenvolve o aprendizado, a construção e autonomia do ser, permitindo o desenvolvimento de habilidades físicas, motoras e cognitivas e não se restringem somente aos cuidados básicos como a higiene, por exemplo. Além disso, é de suma importância priorizar e incentivar a relação família-escola no objetivo de contribuir no desenvolvimento da criança.

Deve-se a Educação Infantil também como uma ponte de formação do ser humano social, crítico, que questiona, opina, e tudo isso se constrói desde a infância. Vale ressaltar, também, a importância de (re)pensar se as políticas públicas voltadas para as crianças são realmente eficazes quando devem ser melhoradas e/ou recriadas e quais benefícios e malefícios elas têm oferecido às crianças e à escola, uma vez que existem tantas crianças fora da escola e a educação vêm desde a Constituição Federal de 1988 sendo garantida por lei e considerada como primeira etapa da educação básica, desde a LDB de 1996.

Apesar dos desafios e conquistas com relação à Educação Infantil, é possível perceber que existe todo um cuidado no que diz respeito à legislação, organização e preparo profissional. Porém, é preciso se atentar também à eficácia desses documentos e em até que ponto eles são uteis para uma educação de qualidade e para um processo de avaliação que se preocupe com a

aprendizagem do aluno e não só com atribuições de notas. É nesse sentido, que veremos mais à frente como a avaliação acontece na Educação Infantil e qual a importância de o professor entender esse processo.

## CAPÍTULO 2

### CONCEPÇÕES E ESPECIFICIDADES DA AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

É notório que a avaliação tem suscitado cada vez mais espaço no âmbito escolar. Por essa razão, é imprescindível compreender o que é avaliação escolar para, assim entendermos quais são tipos de avaliação, o que elas objetivam e qual a importância da avaliação na escola, no sentido de analisar como o professor visualiza a avaliação escolar no intuito de promover maiores possibilidades de melhoria nas metodologias, práticas pedagógicas, de ensino, aprendizagem e desenvolvimento do aluno, uma vez que na Educação Infantil essa avaliação se dá por meio de observações, relatórios, entre outros.

Hoffman (2014), diz que a avaliação é um conjunto de procedimentos didáticos que se estendem por um longo tempo e em vários espaços escolares. Desta forma, é visível que a avaliação escolar não se define única e exclusivamente pela aplicação de provas, testes, exames e atividades que tenham sua finalidade voltada para notas ou que busquem qualificar um aluno com inteligente ou não.

A avaliação no contexto educacional vem sendo uma ferramenta indispensável no que diz respeito a didática dos professores. Além disso, envolve também as práticas em sala de aula, planejamento currículo, métodos de ensino e auto avaliação profissional. Ela promove a investigação das aprendizagens dos alunos, destaca a necessidade de investimento em materiais pedagógicos de qualidade, além de auxiliar na gestão, coordenação e na escola como um todo.

Freire (1984), diz que não é possível praticar sem avaliar a prática. Avaliar a prática é analisar o que se faz, comparando os resultados obtidos com as finalidades que procuramos alcançar com a prática. A avaliação revela acertos, erros e imprecisões, levando a melhoria e eficiência da prática.

A avaliação permite que o professor tenha acesso a inúmeros dados, afim que sejam analisados em prol de promover bons resultados na escola e na aprendizagem dos alunos. Com isso, o professor visualiza quais pontos e habilidades precisam ser melhorados nos alunos, investigando também a qualidade de seu ensino no intuito de buscar melhorar suas práticas pedagógicas e de ensino.

Bassedas, Huguet e Solé (1999), afirmam que na Educação Infantil a finalidade básica da avaliação é que ela sirva para intervir, para tomar decisões educativas, para observar a evolução e o progresso da criança e para planejar se é preciso intervir ou modificar determinadas situações, relações ou atividades na aula. Isso porque, é através das observações, registros,

anotações e análises do aluno que o professor irá identificar seus avanços, desenvolvimento ou aprimoramento de habilidades, suas aprendizagens, construção de identidade, caráter, convívio, relações sociais, entre outros fatores.

De acordo com Castillo Arredondo; Diago (2009), a avaliação em sentido amplo, não se restringe apenas à verificação das aprendizagens, mas também desfruta da relação com a capacidade cognitiva, com os elementos afetivos e comportamentais e os elementos de caráter pedagógico: como métodos e técnicas de ensino, interação professor-aluno etc.

Sendo assim, à medida a avaliação escolar vai ganhando novos espaços, novas e contextualizações, ela impactará diretamente nos elementos fundamentais da educação, como o professor, os alunos, os materiais didáticos, os conteúdos de ensino, as práticas e atividades escolares, a organização do espaço escolar, os métodos e os programas de ensino, a gestão etc.

Através desse exercício de entender a avaliação, é importante nos atentarmos para o fato de que ao longo dos anos a avaliação tem passado por mudanças de paradigmas voltadas para sua conceituação, utilização e aprimoramento das práticas avaliativas escolares. Com isso, é possível destacar quatro grandes momentos voltados para a evolução da conceituação da avaliação, a começar pela “avaliação como medida” (final do século XIX e início do século XX); “avaliação como congruência entre objetivos e consecução” (décadas de 1930 – 1940); “avaliação considerada na tonalidade do âmbito educacional” (décadas de 1960 – 1970, nos EUA); e “avaliação da mudança ocorrida no aluno como consequência de uma ação educacional sistemática” (Carvalho, 2022, p. 22 – 23).

Tendo como base as conceituações de avaliação supramencionadas, é perceptível que as conceituações de avaliação no Brasil mudam de acordo com os avanços educacionais impostos pelos sistemas de ensino. Esses conceitos vão desde a marginalização da população e se estende até o momento em que a educação se volta para a profissionalização. São contextualizações que partem de um ensino ultrapassado, e mostram que a avaliação desde então está voltada para a reprodução, pois apesar de analisar o desenvolvimento, consolidação de habilidades e alcance de habilidades e competências por parte dos alunos, mostra que esses alunos eram também “obrigados” a seguir os padrões de ensino, a fabricação das excelências destacada por Perrenoud (2003), além de terem que lidar com a segregação quanto ao acesso à escola.

Ao longo dos anos os paradigmas de educação têm tomado novos rumos, a avaliação escolar referente à conceituação de cumprimento de normas, habilidades, competências, de ser algo exclusivo para investigação da aprendizagem, que focava apenas no aluno, passou a tomar

novos rumos que veem a aprendizagem como um espaço para a construção de novos significados, permitindo uma atenção maior à formação e ao currículo do professor.

Portanto, ao compreender a importância da avaliação no contexto educacional, é relevante também voltar nossa atenção para o que a legislação dispõe como conceituação da avaliação na Educação Infantil. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação – Lei Nº 9394/96 diz em seu Art. 29 que:

“A Educação Infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade”.

Já em seu Art. 31. à lei dispõe que:

“A educação infantil será organizada de acordo com as seguintes regras comuns: I- avaliação mediante acompanhamento e registro do desenvolvimento das crianças, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental”.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil em sua Resolução Nº.5, em seu Art. 10, diz que:

“Art. 10 As instituições de Educação Infantil devem criar procedimentos para acompanhamento do trabalho pedagógico e para avaliação do desenvolvimento das crianças, sem objetivo de seleção, promoção ou classificação, garantindo: I- a observação crítica e criativa das atividades, das brincadeiras e interações das crianças no cotidiano; II- utilização de múltiplos registros realizados por adultos e crianças (relatórios, fotografias, desenhos, álbuns etc.); III- a continuidade dos processos de aprendizagens por meio da criação de estratégias adequadas aos diferentes momentos de transição vividos pela criança (transição casa/instituição de Educação Infantil, transições no interior da instituição, transição creche/pré-escola e transição pré-escola/Ensino Fundamental); IV- documentação específica que permita às famílias conhecer o trabalho da instituição junto às crianças e os processos de desenvolvimento e aprendizagem da criança na Educação Infantil; V- a não retenção das crianças na Educação Infantil.” (Brasil, 2009)

A BNCC, apesar de não abordar de maneira específica as questões acerca da avaliação na Educação Infantil, registra a necessidade do acompanhamento da prática educativa. Dentro do processo de avaliação esse acompanhamento pode ser feito por meio da: reflexão, organização, planejamento pedagógico, observações constantes, registros diversificados (como desenhos, fotografias, relatórios), mediação, interações dos alunos, entre outros. Destacando que a avaliação e suas ferramentas devem ter seu foco no desenvolvimento da criança e não no ato de classificação.



No geral, os educadores desempenham um papel crucial na promoção do desenvolvimento e na construção de uma base sólida para a aprendizagem futura das crianças na Educação Infantil. Isso requer um compromisso com a observação, reflexão e adaptação contínuas das práticas pedagógicas para atender às necessidades individuais de cada criança.

Segundo o RCNEI (1998, vol. 1),

“A avaliação é entendida, prioritariamente, como um conjunto de ações que auxiliam o professor a refletir sobre as condições de aprendizagem oferecidas e ajustar sua prática às necessidades colocadas pelas crianças. É um elemento indissociável do processo educativo que possibilita ao professor definir critérios para planejar as atividades e criar situações que gerem avanços na aprendizagem das crianças. Tem como função acompanhar, orientar, regular e redirecionar esse processo como um todo”.

Ou seja, o professor deverá saber fazer bons usos de suas ferramentas, pois a avaliação nessa etapa da educação tem a finalidade de contribuir com o desenvolvimento e o aprendizado das crianças. Nessa etapa em específico geralmente utiliza – se da observação e registros (anotações) para melhor avaliar as crianças, pois possibilitara ao professor ter uma visão minimalista das crianças, permitindo ainda identificar e entender as particularidades de cada um.

Nesse sentido, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, sancionada em dezembro de 1996, estabelece, na Seção II, referente à educação infantil, artigo 31 que: “... a avaliação far-se-á mediante o acompanhamento e registro do seu desenvolvimento, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental”.

Logo, a avaliação permite um olhar ampliado para as dificuldades, avanços, aprendizados e possibilidades de aprendizagem para cada criança e para a sala como um todo. É importante também que as crianças tenham retorno dessas avaliações, como por exemplo o professor sinalizar a criança o momento em que ela consegue fazer algo que em outros momentos ela necessitava de ajuda.

Desta forma, a avaliação não deve ser utilizada no intuito de desmerecer ou apontar as dificuldades do aluno, mas sim para promover a autoestima da criança através de situações e retornos que mostrem e incentivem seu avanço. Para isso, é essencial que tanto o professor quanto a instituição compreendam o real significado e objetivo da avaliação, é que preciso que tenham em mente o que e como irão utilizar as ferramentas avaliativas. Pois, a avaliação também é um excelente instrumento para que a instituição possa estabelecer suas prioridades para o trabalho educativo, identificar pontos que necessitam de maior atenção e reorientar a

prática, definindo o que avaliar, como e quando em consonância com os princípios educativos que elege (RCNEI, 1998, p. 60).

Contudo, não basta somente que o professor compreenda a conceituação e os objetivos da avaliação, é preciso que ele entenda também como a avaliação funciona diante de cada eixo de ensino, considerando o ambiente da instituição, as práticas e atividades que estão sendo desenvolvidas. De acordo com o RCNEI (1998, vol. 3), existem orientações de como observar, registrar e avaliar cada eixo do documento<sup>2</sup> de acordo com cada idade (0 a 6 anos). Considerando a perspectiva da pesquisa (pré-escola), os pontos posteriormente citados são específicos para as crianças entre 4 e 6 anos de idade.

No eixo do Movimento, devem ser consideradas na avaliação as práticas que envolvam o corpo e o movimento das crianças. É essencial que as crianças vivam experiências envolvendo o movimento e utilize – o como linguagem expressiva e na participação de jogos e brincadeiras envolvendo habilidades motoras diversas.

Com relação ao eixo da Música, o professor poderá documentar os aspectos referentes ao desenvolvimento vocal (se cantam e como); ao desenvolvimento rítmico e motor; à capacidade de imitação, de criação e de memorização musical. É importante que as crianças já reconheçam e utilizem a música como linguagem expressiva, conscientes de seu valor como meio de comunicação e expressão. Nesse eixo, as crianças são observadas e avaliadas por meio da voz, do corpo, de instrumentos musicais e objetos sonoros deverão interpretar, improvisar e compor, interessadas, também, pela escuta de diferentes gêneros e estilos musicais e pela confecção de materiais sonoros.

Já no eixo voltado para Natureza e Sociedade, pode-se esperar que as crianças conheçam e valorizem algumas das manifestações culturais de sua comunidade e manifestem suas opiniões, hipóteses e ideias sobre os diversos assuntos colocados. Para tanto, é preciso que o professor desenvolva atividades variadas relacionadas a festas, brincadeiras, músicas e danças da tradição cultural da comunidade, inserindo-as na rotina e nos projetos que desenvolve junto com as crianças. O contato com a natureza é de fundamental importância para as crianças e o professor deve oferecer oportunidades diversas para que elas possam descobrir sua riqueza e beleza. Fazer passeios por parques e locais de área verde, manter contato com pequenos animais, pesquisar em livros e fotografias a diversidade da fauna e da flora, principalmente brasileira, são algumas das formas de se promover o interesse e a valorização da natureza pela criança.

---

<sup>2</sup> Eixos: Movimento, Música, Natureza e Sociedade, Artes, Matemática e Linguagem Oral e Escrita

No eixo da Matemática, a avaliação deve considerar como as crianças utilizam conhecimentos da contagem oral, registram quantidades de forma convencional ou não convencional e comuniquem posições relativas à localização de pessoas e objetos. Em relação ao registro de quantidades, pode-se observar as diferentes estratégias usadas pelas crianças, como se desenharam o próprio objeto, se desenharam uma marca como pauzinhos, bolinhas etc., se colocam um número para cada objeto ou se utilizam um único numeral para representar o total de objetos. A avaliação representa, neste caso, um esforço do professor em observar e compreender o que as crianças fazem, os significados atribuídos por elas aos elementos trabalhados nas situações vivenciadas.

De acordo com o RCNEI (1998, p. 157, 3v) para a avaliação do eixo de Linguagem Oral e Escrita, é aconselhável que se faça um levantamento inicial para obter as informações necessárias sobre o conhecimento prévio que as crianças possuem sobre a escrita, a leitura e a linguagem oral, sobre suas diferenças individuais, sobre suas possibilidades de aprendizagem e para que, com isso, se possa planejar a prática, selecionar conteúdos e materiais, propor atividades e definir objetivos com uma melhor adequação didática.

As situações de avaliação devem se dar em atividades contextualizadas para que se possa observar a evolução das crianças. Nesse eixo, é essencial que as crianças entre 4 e 6 anos participem de conversas, utilizando-se de diferentes recursos necessários ao diálogo; manuseiem materiais escritos, interessando-se por ler e por ouvir a leitura de histórias e experimentem escrever nas situações nas quais isso se faça necessário, como, por exemplo, marcar seu nome nos desenhos.

Avaliar é comprometer-se com a criança, com seu sucesso, suas conquistas. A avaliação só tem significado para o professor se servir para ele rever seus encaminhamentos, pensar em seu planejamento, ou seja, se o ato de avaliar for uma forma de ajudar o professor a pensar em maneiras de ajudar as crianças com as quais trabalha. (Coleção Pro Infantil, 2006, p. 40)

A avaliação é, portanto, um trabalho permanente e processual que faz parte da construção das práticas pedagógicas e do processo de desenvolvimento e aprendizagem dos alunos. Por isso é essencial a observação constante e imprescindível da utilização dos registros individuais e em grupo. É de suma importância que a avaliação seja vista como um ponto de partida para os avanços.

## CAPÍTULO 3

### CAPÍTULO METODOLÓGICO

#### 3.1 Abordagem

Esta pesquisa foi realizada por meio de abordagem qualitativa. A pesquisa qualitativa, para Merriam (1998), envolve a obtenção de dados descritivos na perspectiva da investigação crítica ou interpretativa e estuda as relações humanas nos mais diversos ambientes, assim como a complexidade de um determinado fenômeno, a fim de decodificar e traduzir o sentido dos fatos e acontecimentos. Nas palavras de Brandão (2001),

A pesquisa qualitativa (...) está relacionada aos significados que as pessoas atribuem às suas experiências do mundo social e a como as pessoas compreendem esse mundo. Tenta, portanto, interpretar os fenômenos sociais (interações, comportamentos, etc.), em termos de sentidos que as pessoas lhes dão; em função disso, é comumente referida como pesquisa interpretativa (BRANDÃO, 2001, p.13).

Nessa metodologia não há uma preocupação em quantificar as coisas, mas sim desenvolver um entendimento profundo de um assunto, questão ou problema numa perspectiva coletiva ou individual, permitindo que o pesquisador seja também o sujeito e o objeto nos seus estudos, trazendo uma melhor compreensão dos fatos investigados e maior enriquecimento do trabalho.

Para levantamento dos dados desta pesquisa foi realizada a pesquisa de campo, que se caracteriza pelas idas à campo para investigar e compreender a visão dos sujeitos sobre o assunto estudado. Nessa ida à campo usamos as técnicas da observação e da entrevista. Além das técnicas utilizadas em campo, também realizamos a análise documental (o documento de avaliação diagnóstica da escola) e a pesquisa bibliográfica.

#### 3.2 Técnicas utilizadas no trabalho de campo

**Observação** – Para Marconi e Lakatos (1991, p. 190) a observação é uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos e fenômenos que se desejam estudar.

Segundo Ludke e André (1986), a observação permite ao observador chegar mais perto da realidade dos sujeitos, pois na medida em que acompanha as suas experiências diárias, pode tentar apreender sua visão de mundo, isto é, o significado que eles atribuem à realidade que os cerca e às suas próprias ações, possibilitando assim descobrir aspectos novos de um determinado problema.

As observações ocorreram em uma sala de aula com crianças pré-escolares de 5 anos na *Escola Arco Íris*, que faz parte da Rede Pública de Ensino do Município de Amargosa/BA. Essas observações tiveram como objetivo acompanhar as crianças e a professora enquanto participavam de atividades de rotina, resolviam problemas e estabeleciam relações, o que permitiu a análise de diferentes comportamentos e interações. Esse tipo de pesquisa pode ser valioso para compreender o desenvolvimento infantil, as dinâmicas de sala de aula e a eficácia de diferentes abordagens pedagógicas.

**Entrevista** - Paralelo à observação foi realizada uma entrevista semiestruturada com um roteiro de questões que teve como base as observações e que seguiu a linha da pesquisa, mas que também permitiu, e às vezes até incentivou, que as entrevistadas falassem livremente sobre assuntos que iam surgindo como desdobramentos do tema principal. Essa metodologia é indicada por Vitor Henrique Paro (2001, p. 18), que destaca a importância de uma postura flexível do entrevistador, de modo que “favoreça ao entrevistado discorrer de forma ampla e sem constrangimentos a respeito dos temas sugeridos”.

A entrevista foi realizada com o objetivo de aprofundar os aspectos levantados por meio da observação. A entrevista foi realizada com 4 sujeitos: a professora regente da sala onde as observações foram realizadas, a professora auxiliar desta mesma sala, a coordenadora Pedagógica da escola e uma estudante do Curso de Pedagogia da UFRB que atua na escola duas vezes por semana como bolsista do Programa Residência Pedagógica/CAPES.

As **observações** tiveram como foco verificar, descrever e analisar a maneira como esta professora compreendia e desenvolvia a avaliação em sua prática diária. Já as **entrevistas** serviram para compreender como as depoentes (a professora regente, a professora de apoio, a Coordenadora pedagógica da escola e a estagiária do Programa Residência Pedagógica) pensam sobre o tema estudado.

A multiplicidade de pontos de vistas, apesar de mais trabalhoso para a pesquisadora ao realizar a análise, traz uma riqueza maior para a pesquisa, já que assim se pode captar mais informações para a compreensão do fenômeno estudado.

A escolha desta professora se deu devido ao fato de ela já ter lecionado na turma em que meu filho estudava (no ano de 2022, numa turma de G4), com isso despertou em mim a curiosidade de compreender como se dá a avaliação na Educação Infantil (especificamente crianças de pré-escola, 4 e 5 anos). Atualmente, a professora está atuando numa turma de G5 e o que me levou a escolhe-la foi também o fato de ser uma profissional competente, dedicada e de ter demonstrado interesse em participar do estudo, o que contribuiu ainda mais para o enriquecimento do trabalho.

Por fim, a pesquisa contou com a **análise documental** para levantar informações no âmbito da escola. Segundo Caulley esse procedimento “busca identificar informações factuais nos documentos a partir de questões ou hipóteses de interesse” (Caulley apud Ludke e André, 1986, p. 38). Ainda de acordo com Ludke e André (1986), a análise documental constitui uma técnica de exploração que pode indicar problemas que devem ser explorados por diversos métodos, complementando todas as informações que foram obtidas por meio das outras técnicas.

Nessa pesquisa foram analisados os instrumentos utilizados pela escola para avaliar as turmas de 5 anos (G5). Esses instrumentos consistem em atividades diagnósticas realizadas ao fim de cada unidade. Ao todo são realizadas 3 Diagnósticas avaliativas (1 de entrada ao fim da I Unidade, 1 de percurso ao fim da II Unidade e 1 de saída ao fim da III Unidade.) e a tabulação com os resultados dessas avaliações. Tais tabulações são feitas pelas professoras junto à coordenação e gestão da escola.

### **3.3 Estrutura da escola pesquisada**

A escola colaboradora da pesquisa possui: doze salas de aula, sendo distribuídas da seguinte forma – no turno matutino a escola atende 3 turmas de G4 e 3 turmas de G5; no turno vespertino a escola atende três turmas de G4 e três turmas de G5. Possui ainda uma sala de professores; uma sala de direção e secretaria; uma sala de coordenação; uma sala de almoxarifado; um banheiro para funcionários; sete banheiros para alunos, sendo três para meninos, três para meninas e um de uso geral para meninos e meninas; um parque; uma cozinha e um refeitório.

Quanto aos recursos humanos, a escola é composta por profissionais devidamente habilitados, distribuídos da seguinte forma: uma diretora; uma coordenadora pedagógica; 10 professoras sendo 2 delas com carga horária de 40 horas; duas secretárias, sendo 1

administrativa e uma escolar; duas cantineiras; um porteiro e quatro auxiliares de serviços gerais.

A escola num contexto geral possui um espaço pequeno, com salas pequenas, possui um pátio pequeno para que as crianças possam brincar. Nos momentos de recreação as turmas revezam os horários por serem muitos alunos e o espaço não acomodar a todos. Em dias chuvosos, as crianças ficam na sala pela falta de um espaço coberto que permita a elas terem um momento de lazer.

### **3.4 Sujeitos da pesquisa**

A turma observada corresponde ao G5 da pré-escola. A turma é composta por 14 alunos com faixa etária de cinco anos de idade, sendo 1 deles autista e 3 deles com histórico de agressividade (desses 1 faz acompanhamento com psicóloga e 1 com psicopedagoga).

Na sala, há duas professoras, sendo uma a pró regente e uma de apoio que acompanha o aluno autista. A *professora regente* ficticiamente nomeada como *Ana*, é formada em Pedagogia, possui especialização em Psicopedagogia, é atuante na área de educação há 12 anos, e trabalha nesta escola há 3 anos.

A *professora de apoio* ficticiamente nomeada como *Maria*, é formada em Pedagogia e possui especialização em: Psicopedagogia Clínica e Institucional; Educação Infantil e atualmente está finalizando a especialização em Alfabetização e Letramento, ela atua na educação há mais de 20 anos e trabalha na escola pesquisada há 5 anos.

A *estagiária do Programa Residência Pedagógica*, ficticiamente nomeada como *Fernanda*, está no 10º semestre do curso de Pedagogia no CFP – UFRB, é bolsista do Programa de Residência Pedagógica pela CAPES, participa do projeto de extensão Kalunga e atua como residente na escola pesquisada desde maio de 2023.

A *coordenadora pedagógica* ficticiamente nomeada como *Julia*, é formada em Pedagogia e possui especialização em Alfabetização, atual na educação há 10 anos e faz parte da *Escola Arco Íris* há 2 anos.

## CAPÍTULO 4

### ANÁLISES, RESULTADOS E DISCUSSÕES

#### 4.1 Percepções da turma

Foram realizadas 8 horas de observação na turma, divididas em 2 momentos de 4 horas de duração. Segundo Ludke e André (1986), a observação tem um lugar privilegiado nas abordagens de pesquisa educacional, por permitir um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado.

No primeiro dia de observação houve um momento de intervenção de uma estagiária do PIBID<sup>3</sup> e no segundo dia de observação a aula foi direcionada do início ao fim pela estagiária do RP<sup>4</sup>.

De acordo com conversas realizadas com as professoras da turma, o comportamento da sala durante o período de observação foi o mesmo que no dia-a-dia e a presença de uma pessoa “diferente” na sala de aula não causou estranhamento nas crianças, o que pode ser resultado do fato de a escola estar recebendo com frequência distintos sujeitos da universidade vinculados a Programas, tais como: PIBID e RP e também estagiários/as do Curso de Pedagogia da UFRB.

Apesar das poucas horas de observações realizadas, possuo um certo conhecimento e visão sobre as práticas da professora já que a mesma lecionou em uma turma que meu filho estudou. Com isso, havia um acompanhamento frequente de como as aulas costumavam ser desenvolvidas, as ferramentas de ensino e os métodos de avaliação, que geralmente eram enviados para os pais por meio de relatórios com um retorno sobre o desenvolvimento da criança.

Foi possível observar que a professora buscava incentivar e criar situações diversificadas para que os alunos pudessem desenvolver suas potencialidades bem como a interação social, demonstrando também compromisso em criar um ambiente de aprendizado estimulante de forma que todos os alunos se envolvessem e participassem das aulas. E essas práticas podem ter um impacto positivo no desenvolvimento cognitivo e socioemocional das crianças em idade pré-escolar.

---

<sup>3</sup> PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência

<sup>4</sup> RP – Programa de Residência Pedagógica



## 4.2 Análise das Diagnósticas avaliativas da I e II Unidade

A **análise documental**, conforme expressa Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009, p. 5), “[...] é um procedimento que se utiliza de métodos e técnicas para a apreensão, compreensão e análise de documentos dos mais variados tipos”. A Análise Documental trilha os mesmos caminhos da pesquisa bibliográfica, não sendo fácil por vezes distingui-las. A pesquisa bibliográfica utiliza fontes constituídas por material já elaborado, constituído basicamente por livros e artigos científicos localizados em bibliotecas. A pesquisa documental recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico, tais como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, tapeçarias, relatórios de empresas, vídeos de programas de televisão, etc. (FONSECA, 2002, p. 32).

Desse modo, além da pesquisa bibliográfica, esse trabalho também realizou a pesquisa documental por meio da análise do instrumento de avaliação denominado *Diagnósticas avaliativas*, utilizado junto aos estudantes. O ano letivo é dividido em 3 unidades de mais ou menos 3 a 4 meses cada. Ao fim dessas unidades são realizadas avaliações gerais para analisar o desenvolvimento dos alunos em termos de aprendizagem.

Ao fim da I Unidade é realizada a *Diagnóstica avaliativa de entrada*, que tem o objetivo de visualizar o que o aluno já tem de conhecimento, ou seja, analisar como esse aluno está iniciando o ano letivo, quais seus conhecimentos e suas dificuldades.

Ao fim da II Unidade é realizada a *diagnóstica avaliativa de percurso*, que serve para dar um norte sobre o que o aluno aprendeu e quais são as dificuldades ainda são persistentes. Atualmente (outubro/2023) a escola iniciou a III Unidade, sendo assim será realizada no mês de dezembro a *Diagnóstica avaliativa de saída*, voltada para uma avaliação geral do aluno, tendo como critério identificar quais foram suas aprendizagens início ao fim do ano letivo e com quais dificuldades o aluno está terminando o ano.

Segundo as entrevistas, as *diagnósticas avaliativas* são elaboradas pela coordenadora da escola e têm como objetivo a elaboração do plano de curso da escola e o levantamento das habilidades dos alunos. Dentro dessas habilidades são selecionadas dez para Linguagem Oral e Escrita, e dez habilidades para Matemática. Desta forma afirma a coordenadora:

*[...] então cada questão contempla uma habilidade. E aí ao final de de da aplicação, né? Do do aluno ter respondido aquela atividade o professor vai ver quantos erros, quantos acertos teve em cada em cada eixo. Ou linguagem ou em matemática. E aí depois é feito uma tabulação de dados né? E ao final de cada unidade fazemos uma análise né? Dos avanços como eu falei dos*

*desafios em relação a unidade anterior.[... (Julia – Coordenadora Pedagógica)<sup>5</sup>*

Após elaboração, aplicação e tabulação das diagnósticas, os resultados são discutidos com os professores por meio do Conselho de Classe<sup>6</sup>, posteriormente são enviados para a Secretaria Municipal de Educação.

A *Diagnóstica avaliativa* da I Unidade busca verificar a consolidação das seguintes habilidades:

Linguagem Oral e Escrita:

- *Reconhece as letras que constituem o seu nome.*
- *Escreve de forma espontânea o próprio nome (sem o uso do crachá)*
- *Conhece as vogais*
- *Faz uso da escrita de forma não convencional.*
- *Distingue as letras do alfabeto de outros sinais gráficos*
- *Identifica as letras iniciais e as finais das palavras*
- *Entende os textos lidos pelo adulto.*
- *Reconhece o valor sonoro de algumas sílabas*
- *Reconhece e escreve as letras do alfabeto*

Matemática:

- *Traça os numerais até 15.*
- *Conta, sequencialmente, pelo menos até 15 relacionando o número a quantidade*
- *Identifica relações de comparar: volume entre os objetos e o espaço – cheio/vazio.*
- *Identifica relações de posição entre os animais quanto aos tamanhos grande e pequeno.*
- *Identifica relações quanto a distância perto/ longe tendo um ponto de referência.*
- *Relaciona as cores aos objetos do dia-a-dia.*
- *Estabelece relações de tempo: dia/noite;*
- *Identifica relações de comparar temperatura entre os objetos (quente e frio)*
- *Identifica as figuras planas (triângulo, quadrado, círculo e retângulo)*
- *Identifica informações organizadas em tabelas*

A *Diagnóstica avaliativa* da II Unidade, por sua vez, busca verificar a consolidação das seguintes habilidades:

Linguagem Oral e Escrita:

- *Escreve o próprio nome e sobrenome*
- *Conhece e escreve as vogais*
- *Identifica as letras do alfabeto em estudo (b, c, d, f, g, h)*

---

<sup>5</sup> As respostas completas de todas as entrevistadas seguem anexadas nos ANEXOS 3, 4, 5 e 6 desta pesquisa

<sup>6</sup> O Conselho de Classe são reuniões que ocorrem ao fim das unidades, nelas os professores preenchem uma ficha individual dos alunos citando seus avanços e dificuldades e depois esses resultados são discutidos junto a coordenação e direção da escola. Nesse caso em específico são levadas em consideração os resultados das diagnósticas avaliativas.

- *Usa a escrita de forma não convencional.*
- *Conhece alguns elementos que caracterizam os gêneros textuais estudados*
- *Compreende o enredo de um texto lido*
- *Identifica sílabas iniciais e as finais das palavras*
- *Reconhece o valor sonoro de algumas sílabas*
- *Ler palavras formadas por sílabas canônicas*
- *Segmenta palavras em sílabas*

#### Matemática:

- *Escreve os numerais até 15*
- *Conta, sequencialmente, pelo menos até 15 relacionando o número a quantidade*
- *Relaciona os numerais até 15 em dezena e meia dezena*
- *Identifica instrumentos de medidas*
- *Identifica relações quanto a distância perto/ longe tendo um ponto de referência*
- *Relaciona as cores em estudo aos objetos do dia-a-dia.*
- *Constrói gráficos e tabelas*
- *Identifica a passagem do tempo*
- *Identifica noções do significado das operações de adição e subtração*
- *Estabelece relações entre figuras geométricas espaciais e os objetos presentes no seu ambiente*

Ao analisar as tabulações<sup>7</sup> da I e II Unidade, um ponto que chamou atenção e merece ser destacado são as habilidades listadas para a avaliação dos alunos, uma vez que é na pré-escola onde os alunos começam de fato a ter contato direto com letras, números, iniciação da escrita, leitura e noções matemáticas.

Tendo em vista que as habilidades supramencionadas foram elaboradas a partir do plano de curso da escola, é importante que haja uma atenção maior para as reais dificuldades e conhecimentos do aluno, é preciso (re)pensar se todas as habilidades são necessariamente obrigatórias para crianças de 5 anos que estão tendo um primeiro contato com a realidade educacional e tudo isso acaba sendo “novo” para eles. É preciso parar para analisar se são situações em que o aluno precise de fato saber de tudo, ao ponto de serem cobrados através de diagnósticas avaliativas.

Pensando no currículo escolar e em como a avaliação é desenvolvida, Perrenoud (2003), destaca que de modo geral: “a avaliação leva em conta a padronização, causando o efeito dominante da **padronização**: concentrar as prioridades curriculares naquilo que parece

---

<sup>7</sup> As tabulações são as tabelas com os resultados das atividades diagnósticas, nelas constam as habilidades avaliadas e o quantitativo dos alunos. As tabulações seguem nos anexos 1 e 2 desta pesquisa.

facilmente mensurável e comparável: operações, memorização, formas verbais ao invés de raciocínio, imaginação ou argumentação”.

O autor ainda destaca que no Currículo é importante se fundamentar naquilo que pareça essencial para ensinar e aprender e não reduzi-lo a um núcleo cognitivo tradicional, acentuado pelas provas que privilegiam as aquisições mais facilmente mensuráveis. Para o autor é importante romper com uma distinção simplista entre uma instrução essencialmente cognitiva e uma educação essencialmente afetiva, social ou relacional. Todas as aprendizagens fundamentais associam, de uma parte, conceitos, conhecimentos e, de outra, uma relação com o mundo, um projeto, atitudes, valores. (PERRENOUND, 2003)

Entendo que as tabulações são documentos necessários para o registro do desenvolvimento dos alunos e para dar um norte de quais metodologias e ferramentas o professor deve utilizar ou recriar. Mas me parece que o modo de proceder da escola pesquisada difere da opinião de Villas Boas (2004), que destaca que é o próprio aluno que organiza seu portfólio com o apoio do professor para que esse possa acompanhar seu progresso.

Segundo a autora, “se o aluno não revela suas fragilidades não poderá ser orientado a superá-las” (Villas Boas, 2004, p. 49). O portfólio possibilita a avaliação, pelo professor, não só do desenvolvimento das aprendizagens dos estudantes, mas também do trabalho pedagógico que desenvolve (Villas Boas, 2004, p. 43).

Ou seja, a avaliação nesse contexto deve ser colocada como algo que o aluno produza por conta própria e que não haja uma expectativa somente nos “acertos”, mas que as dificuldades deles sejam levadas em consideração como um meio de criar novas estratégias de ensino, de envolver esse aluno e contribuir de forma significativa com seu desenvolvimento. A avaliação deve ir além de observar comportamentos e exigências, considerando as áreas psicomotora, afetiva e cognitiva como se esse processo fosse dissociável. É necessário avaliar esses aspectos de forma conjunta para ter um melhor resultado acerca das dificuldades do aluno.

Durante as entrevistas as professoras relataram que apesar dessas crianças estarem na pré-escola há uma cobrança muito grande com relação ao aprender a ler e escrever para que elas já entrem na Alfabetização com um certo domínio da Linguagem oral e escrita e também da Matemática, como relata a professora Ana:

*“ [...] A gente, principalmente a gente que é pré-escola escola, a gente prepara essa criança pra o fundamental, pra uma alfabetização, né? Eu sei da importância, né? E acredito, penso que é na educação infantil que a criança precisa brincar, trabalhar esse corpo, mas o nosso sistema educacional nos exige que a gente prepare né? Entre aspas essa criança ‘dá pra a escola, para o fundamental, para a alfabetização’, né?[...]”*

Nesse sentido Hoffmann (1993), diz que os educadores criticam a maneira como a avaliação vem sendo utilizada em nossas escolas, mas ao mesmo tempo, continuam agindo de acordo com as exigências do sistema burocrático de ensino e acabam reduzindo a avaliação a apenas um momento que parece não fazer parte do processo de ensino e aprendizagem, ou seja, a avaliação da aprendizagem apenas reflete o poder de uma sociedade liberal e capitalista que valoriza a memorização e a reprodução do conhecimento através do registro de resultados.

De acordo com a LDB 9394/96 em seu artigo 24, parágrafo V:

V - A verificação do rendimento escolar observará os seguintes critérios: a) avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais. (BRASIL, 1996).

A educação infantil é etapa em que a criança começa a ter contato com a educação escolar e passa também a aprimorar o desenvolvimento das áreas cognitivas, motoras, emocionais, a formação da sua identidade, e sua formação como indivíduo. É nesse primeiro contato das crianças com a vida escolar que elas ampliam conhecimentos, por meio de atividades, interações, experiências individuais e coletivas.

Sob essa perspectiva, Oliveira (2007, p. 255) afirma que:

Avaliar na Educação Infantil implica em detectar mudanças em competências das crianças que passam a ser atribuídas tanto ao trabalho realizado na creche e na pré-escola quanto exige o redimensionamento do contexto educacional – repensar o preparo dos profissionais, suas condições de trabalho, os recursos disponíveis, as diretrizes definidas, os indicadores utilizados - para promovê-la ainda mais como ferramenta para o desenvolvimento infantil.

Com isso, a avaliação nessa etapa é uma tarefa um pouco difícil. Primeiro por ainda termos um sistema educacional tradicional que reduz a aprendizagem ao ato de memorização e classificação do aluno. Nesse sentido Hofmann (2006), afirma que existe um paradigma de avaliação pautado na classificação dos alunos, que se orienta pela padronização do “transmitir-verificar-registrar”, desconsiderando as especificidades do processo de desenvolvimento infantil. Como consta Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998, p. 59) “Existem no Brasil ainda ações pedagógicas nesse nível de ensino que possuem uma concepção equivocada do que é a avaliação, o que de certa forma traz na educação infantil, sérios problemas, com resultados desastrosos (...)”.

Considerando a turma observada, as professoras trazem como dificuldade do processo de avaliação questões como comportamento, agitação da turma e completa:

*“[...] o que interfere mais é no desenvolvimento aqueles conteúdos que a gente precisa digamos da conta. Né? Porque como são níveis diferentes por exemplo eu tenho criança que não sabe o alfabeto né? E a gente é trabalha contra o vocálico. Então como é que eu consigo trabalhar encontro vocálico com aquela criança? Se ela não sabe, se ela não sabe o alfabeto, entende? Então não é nem a avaliação em si, é o desenvolvimento daqueles conteúdos. [...]”.*

Apesar de compreender que existe uma expectativa muito grande com relação a leitura e escrita para que os alunos sejam alfabetizados na idade “certa” é importante lembrar também que a avaliação vai além da escrita, da capacidade de ler e escrever e de critério, mas também envolve as áreas emocionais, saúde corporal e outros critérios que precisam ser levados ao “pé da letra”, como afirma Silva:

A avaliação deve procurar abranger todos os aspectos do desenvolvimento da criança, não só o cognitivo, mas sim uma avaliação a partir do aluno, tendo ele como referência, como parâmetro de si mesmo. Deve ter uma ação também diagnóstica, que indique quais alterações nas práxis do professor deve acontecer para facilitar a aprendizagem do aluno. Não é um procedimento que indique o ponto final de um trabalho, uma classificação, para depois resultar numa exclusão futura; deve mostrar ao professor o quanto o aluno avançou em um determinado tempo [...]. (Silva, 2012, p. 2).

Para Jussara Hoffmann:

(...) os registros de avaliação refletem a imagem da ação desenvolvida pelo professor e devem permitir uma representação clara, nítida, significativa, do que se observou e do trabalho realizado junto aos alunos. (Hoffmann, 2012, p. 105).

Uma vez que a escola realiza avaliação de cunho pontual, acabam passando despercebidos aspectos que possam ser relevantes para o professor e para o processo de aprendizagem do aluno. Uma avaliação padronizada acaba por não guiar o professor no que tange às especificidades de cada criança, o que pode tornar o processo de aprendizagem ainda mais lento e difícil.

Nesse sentido, seria interessante e enriquecedor que a escola manuseasse outros meios de avaliação, como por exemplo uma avaliação processual e mais formativa, que abriria espaços para que a escola tivesse um olhar mais amplo quanto às individualidades da criança e permitiria ao professor um olhar mais crítico e claro quanto às suas práticas. Pensando no processo de desenvolvimento, ensino e aprendizagem das crianças, a avaliação pontual acaba por reduzir as possibilidades de intervenção já que são realizadas somente ao fim das unidades.

Desse modo, a avaliação deve ser contínua, e é preciso que o aluno seja acompanhado e analisado de forma geral e individual, pois cada criança possui seu modo de agir, sentir e pensar. Nesse processo é preciso também considerar as especificidades de cada um, pois talvez aquilo que foi colocado no momento pode ser algo de conhecimento da criança, mas talvez por conta do emocional, nervosismo, ansiedade, dentre outros fatores ele não consiga se desenvolver como o esperado.

O processo de avaliação deve ser visto e compreendido não só como um meio de acompanhar, entender e visualizar o desenvolvimento do aluno, mas também um caminho do professor e a gestão escolar como um todo analisar suas práticas pedagógicas e de ensino, metodologias, ferramentas avaliativas, a prática docente e recriar novos métodos que auxiliem o aluno no processo de ensino e aprendizagem.

#### **4.3 Concepção das professoras com relação ao tema de estudo**

No processo de coleta de dados a entrevista também foi utilizada como ferramenta metodológica. Segundo Marconi; Lakatos (2007), a entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações sobre determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. Trata-se de um procedimento utilizado na investigação social, coleta de dados, para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social. Ainda de acordo com as autoras, a entrevista realizada pode ser configurada como padronizada ou estruturada, que é quando “realiza-se de acordo com um formulário elaborado e é efetuada de preferência com pessoas selecionadas. O entrevistador segue um roteiro estabelecido previamente, as perguntas feitas são predeterminadas” (Marconi; Lakatos, 2007, p. 197)

Nesse sentido, as perguntas elaboradas serviram como guia no momento de realizar a entrevista e foram feitas de forma que a entrevistada pudesse responder livremente por meio de uma conversação.

Como dito anteriormente, a turma pesquisada é bem diversificada em questões de comportamentos, emoções, interações e cada criança tem se desenvolvido no seu tempo, apesar das dificuldades que limitam esse ensino e aprendizagem, como por exemplo as crianças que faltam muito, as crianças que nunca tiveram acesso à escola e também aquelas com histórico mais agressivo, pois são situações que tornam difícil o processo de avaliação uma vez que é importante a participação das crianças nas atividades, observações e registros que precisam ser feitas pelo professor.

Sobre isso, a professora afirma:

*“[...] E é uma turma com nível de aprendizagem bem diferentes, bem diferentes, né? A gente sabe que né? É a uma heterogeneidade na aprendizagem, mas essa é bem assim, a gente percebe bastante, porque tem muitas crianças que não estudaram, né? Mesmo no grupo e elas não não não passaram pelo Grupo 4, né? Então tem aí essa questão, né? De crianças sem ter o convívio, né? E a experiência da vida escolar que não tiveram. E para além disso as questões né? A gente tem umas questões comportamentais aí bem acentuadas né? de comportamentos, digamos assim, inadequados, né? Temos aí três crianças que tem um nível de agressividade muito alto, duas delas já estão fazendo o acompanhamento com psicólogo né?[...]” (Professora Ana – Regente da turma).*

Com relação à avaliação na Educação Infantil, percebemos um entendimento favorável por parte das professoras entrevistadas. As professoras relatam que a avaliação é um processo contínuo que se faz presentes nas pequenas coisas feitas pelo aluno em sala de aula e se tratando de pré-escola essa avaliação torna-se ainda mais minuciosa pelo de fato de a avaliação não se restringir somente a provas, notas ou atividades, mas principalmente pela observação, interação do aluno em sala de aula, participação oral, socialização com a turma e o professor, pelos momentos que envolvem brincadeiras, movimentos.

As professoras afirmaram na entrevista que:

*Eu entendo a avaliação como um processo é contínuo né? E que a gente precisa estar atento à especificidade de cada criança não entendo aquela avaliação, não enxergo avaliação, como aquela avaliação homogênea, né? Sem enxergar o geral. [...] (Professora Ana – Regente da turma)*

*Avaliação pra mim é tudo aquilo que o aluno faz na sala de aula a partir do momento que eu chego e começo a observar o que ele faz o jeito dele fazer atividade, o jeito dele se expressar, o jeito dele se relacionar com os coleguinhas tudo isso aí é um tipo de avaliação que eu vou fazendo com a criança. [...] (Professora Maria – Prof<sup>a</sup> de Apoio)*

*Avaliação é avaliar, é observar né? É registrar quando falamos de educação infantil vale muito a pena falar também do registro né? E tem aí a segunda pergunta. Qual a importância da avaliação na educação infantil? Então fazemos esses registros né? Diariamente do aluno e do desenvolvimento da turma pra poder estar fazendo uma avaliação geral, né?[...] (Julia – Coordenadora Pedagógica)*

*É avaliação pra mim é todo o processo de reflexão sobre a prática né? é no sentido de refletir sobre as existências, as dificuldades, os avanços, as habilidades adquiridas, é sobre o seu planejamento, planejamento do professor, a forma de ensino, né? A metodologia, se está dando certo, se não está dando certo. [...] Avaliação da educação infantil é de extrema*



*importância né? Porque é através da avaliação o professor ele tem uma oportunidade crítica de reflexão né? Sobre o seu planejamento sobre a sua prática e sobre as resistências dos alunos, as habilidades adquiridas, sobre os avanços, as possibilidades que cada um tem como aquele aluno aprende e como é que ele está conseguindo é aprender né? O que está sendo colocado é avaliação né? [...] (Fernanda – Estagiária do RP)*

Por meio das entrevistas ficou claro que as professoras possuem um vasto conhecimento acerca da avaliação na Educação Infantil e entendem a grandiosidade que é o processo avaliativo. Porém, esse conhecimento tem sido contraditório com relação à prática, uma vez que as professoras reconhecem que a avaliação pode ser feita através de várias ferramentas, inclusive a observação, interação do aluno em sala de aula, participação oral, socialização, brincadeiras. Durante a conversa foi muito relatado sobre os registros e a observação. Com isso há alguns pontos a serem destacados:

1. As observações realizadas pelas professoras são feitas no dia-a-dia e não há registros formais em cadernos ou pastas dos alunos;
2. Os registros por elas sinalizados são na verdade as observações, as atividades realizadas em sala de aula e as discussões nos Conselhos de Classe;
3. As professoras têm como visão de registro os relatórios produzidos ao fim das unidades, onde relatam o desenvolvimento das crianças em sala (o que aprenderam, as dificuldades persistentes e como a criança é em sala de aula – como interage, comportamento, entre outros);
4. Segundo as entrevistas ficou claro também que a escola tem como ferramenta exclusiva de avaliação as *diagnósticas avaliativas* que são realizadas somente ao fim das unidades e possuem eixos específicos de avaliação (Linguagem oral e escrita; Matemática).

A avaliação na Educação Infantil se dá no ato de refletir e entender que a avaliação é parte integrante da aprendizagem pois dá uma margem do desenvolvimento da criança tanto individual quanto em grupo, e também permite ao professor olhar para si e perceber quais métodos e práticas tem sido mais eficazes no sentido de ensinar e sanar as dificuldades daqueles alunos, levando em consideração o tempo de desenvolvimento e as singularidades de cada um.

Como afirma Vasconcellos (1994, p. 43), a avaliação se refere ao processo avaliativo em sentido amplo: avaliação é um processo abrangente da existência humana que implica uma

reflexão crítica sobre a prática, no sentido de captar seus avanços, suas resistências, suas dificuldades e possibilitar uma tomada de decisão sobre o que fazer para superar os obstáculos.

*É uma sala um pouco difícil de avaliar né? a criança cada um é cada um a gente não pode comparar, né? Cada criança tem um caso, cada criança é uma realidade. [...] na sala eu vejo a avaliação através de atividades, através de brincadeiras, através de jogos, ela ela é um conjunto, né? Avaliação é um conjunto de tudo é um pouquinho [...] (Professora Maria – Professora de Apoio)*

Quanto aos critérios e as formas de avaliação nessa etapa da educação, são utilizadas ferramentas como: observações, atividades e participação em sala, envolvendo também a oralidade da criança.

*Avaliando o processo, a forma que o aluno está interagindo e a forma que ele se desenvolve ali na aula com os professores, as atividades e e principalmente como ele responde às perguntas geralmente feitas, a interpretação da historinha e a interpretação oral né? [...] Eu utilizo a observação e os critérios, e como é que eles interage na aula, as respostas que eles dão, as curiosidades que surge a partir do que está sendo trabalhado. E aquilo que ele já traz, as hipóteses, as relações que ele fazem com outros outros assuntos ou o que eles acham sobre aquilo que está sendo falado um recruta das histórias e e de acordo com o que eles entenderam e então todo o processo de envolvimento deles na durante as atividades são observados e a partir daí eu faço avaliação se está dando certo, se não está se eles estão conseguindo é se o objetivo está sendo alcançado, se eles estão adquirindo novas habilidades, né? Se tem possibilidade de avançar mais ou de de procurar outras formas de explicar aquele assunto e principalmente para os que tem mais dificuldades. Então é dessa forma que eu faço processo de avaliação. (Fernanda – Estagiária do RP)*

Além desses instrumentos, na escola pesquisada existem relatórios que são feitos ao fim das unidades com um parecer do desenvolvimento individual do aluno e as avaliações diagnósticas que também são realizadas ao fim das unidades.

Porém, nesse processo de avaliação falta um pouco mais de atenção à interação dos alunos no sentido de serem os próprios responsáveis por esses momentos, como por exemplo atividades que façam com que eles se expressem mais em movimentos, pensamentos. Falta ouvir mais esse aluno, entendê-lo e entender suas emoções, seus sentimentos que muitas vezes interferem nesse processo.

A avaliação na Educação Infantil deve ser vista como um caminho para acompanhar o desenvolvimento das crianças de modo processual e contínuo e durante esse processo de aprendizagem o professor deve valer-se de vários instrumentos de registros e observações.

Nesse sentido de avaliar as crianças e sobre os meios para realizar essa avaliação, as professoras afirmam:

*[...] A gente não fala prova da educação infantil, não faz prova, mas são e umas avaliações que eu enxergo como um termômetro né? Pra gente saber como é que está o nível de aprendizagem daquela criança. Então assim a gente tem três avaliações né? Que é três avaliações mais específicas que é a a a avaliação de entrada as diagnósticas de entrada. Que é quando as crianças chegam e aí a gente faz essa avaliação com elas pra saber qual nível que elas estão de aprendizagem. E aí tempo depois mais ou menos no meio do ano a gente faz a a segunda avaliação que é pra ver o como elas o que que elas aprenderam nesse meio tempo naqueles primeiros objetivos que a gente estabeleceu. Né? Porque a gente tem os objetivos que são pré-estabelecidos na verdade que a gente precisa alcançar e tem a de saída, tem a de entrada de percurso e de saída que é no final do ano [...] (Professora Ana – Regente da turma)*

*Os professores avaliam as crianças né? A partir desse registro diário e o professor tem um portfólio e ele faz todos esses registros né? Do desenvolvimento da aula e a criança que acompanhou a criança que ele percebeu que teve dificuldade então assim diariamente os professores fazem esse registro num portfólio [...] (Julia – Coordenadora Pedagógica)*

*Avaliando o processo, a forma que o aluno está interagindo e a forma que ele se desenvolve ali na aula com os professores, as atividades e e principalmente como ele responde às perguntas geralmente feitas, a interpretação da historinha e a interpretação oral né? [...] Eu utilizo a observação e os critérios, e como é que eles interage na aula, as respostas que eles dão, as curiosidades que surge a partir do que está sendo trabalhado. E aquilo que ele já traz, as hipóteses, as relações que ele faz com outros outros assuntos ou o que eles acham sobre aquilo que está sendo falado um recruta das histórias e e de acordo com o que eles entenderam e então todo o processo de envolvimento deles na durante as atividades são observados e a partir daí eu faço avaliação se está dando certo, se não está se eles estão conseguindo é se o objetivo está sendo alcançado, se eles estão adquirindo novas habilidades, né? Se tem possibilidade de avançar mais ou de o de procurar outras formas de explicar aquele assunto e principalmente para os que tem mais dificuldades. Então é dessa forma que eu faço processo de avaliação. (Fernanda – Estagiária do RP)*

Outro ponto a ser destacado é o fato de cada criança ter sua singularidade e como dito anteriormente, cada um se desenvolve no seu próprio tempo. Desta forma, a avaliação, nessa etapa, está voltada para o acompanhamento das práticas de aprendizagem e de desenvolvimento dos alunos, com suas dificuldades, suas habilidades e suas capacidades de construção do conhecimento. Como destaca a coordenadora da escola:

*“a gente faz uma análise de uma unidade para outra e aí depois desses resultados e o professor faz um plano de ação nesse plano de ação ele vai colocar quais foram as habilidades que não foram alcançadas e o que ele vai fazer para que essas habilidades sejam superadas né? Que a criança consiga avançar. Então esse plano de ação pensando diretamente em cada criança, em cada individualidade, né? De cada um. Então é algo que eles param né? Um momento pra fazer essa reflexão do que precisam melhorar, que fazem que fazem, né? Acabam fazendo também uma reflexão da própria prática”  
(Julia – Coordenadora Pedagógica)*

Na educação Infantil a avaliação deve ser um instrumento de investigação e a classificação do aluno ou determinação de seus conhecimentos não são necessárias, o que realmente importa são as informações precisas sobre andamento da atividade pedagógica.

Segundo o RCNEI (1998, v3, p. 157), as situações de avaliação da Linguagem Oral devem se dar em atividades contextualizadas para que se possa observar a evolução das crianças. É possível aproveitar as inúmeras ocasiões em que as crianças falam, lêem e escrevem para se fazer um acompanhamento de seu progresso.

A observação é o principal instrumento para que o professor possa avaliar o processo de construção da linguagem pelas crianças. Podendo o professor ainda utilizar de ferramentas como: produções das crianças, como exemplos de suas escritas, desenhos com escrita, ensaios de letras, os comentários que fez e suas próprias anotações como observador da produção de cada uma.

O RCNEI (1998) ainda destaca que:

A partir dos quatro e até os seis anos, uma vez que tenham tido muitas oportunidades na instituição de educação infantil de vivenciar experiências envolvendo a linguagem oral e escrita, pode-se esperar que as crianças participem de conversas, utilizando-se de diferentes recursos necessários ao diálogo; manuseiem materiais escritos, interessando-se por ler e por ouvir a leitura de histórias e experimentem escrever nas situações nas quais isso se faça necessário, como, por exemplo, marcar seu nome nos desenhos. Para que elas possam vivenciar essas experiências, é necessário oferecer oportunidades para que façam perguntas; elaborem respostas; ouçam as colocações das outras crianças; tenham acesso a diversos materiais escritos e possam manuseá-los, apreciá-los e incluí-los nas suas brincadeiras; ouçam histórias lidas e contadas pelo professor ou por outras crianças; possam brincar de escrever, tendo acesso aos materiais necessários a isso. (RCNEI, v3, p. 158)

Sobre o eixo de Matemática o RCNEI (1998), traz que “considera-se que a aprendizagem de noções matemáticas na educação infantil esteja centrada na relação de diálogo entre adultos e crianças e nas diferentes formas utilizadas por estas últimas para responder perguntas, resolver situações-problema, registrar e comunicar qualquer ideia matemática”.

Sobre a avaliação nesse eixo o RCNEI (1998), diz que:

[...] A avaliação representa, neste caso, um esforço do professor em observar e compreender o que as crianças fazem, os significados atribuídos por elas aos elementos trabalhados nas situações vivenciadas. Esse é um processo relacionado com a observação da criança nos jogos e atividades e de seu entendimento sobre diferentes domínios que vão além da própria Matemática. A avaliação terá a função de mapear e acompanhar o pensamento da criança sobre noções matemáticas, isto é, o que elas sabem e como pensam para reorientar o planejamento da ação educativa. Deve-se evitar a aplicação de instrumentos tradicionais ou convencionais, como notas e símbolos com o propósito classificatório, ou juízos conclusivos. (RCNEI, v3, p. 237-238)

Com relação a observação e o aprendizado das crianças o RCNEI (1998), destaca que:

A partir dos quatro e até os seis anos, uma vez que tenham tido muitas oportunidades na instituição de educação infantil de vivenciar experiências envolvendo aprendizagens matemáticas, pode-se esperar que as crianças utilizem conhecimentos da contagem oral, registrem quantidades de forma convencional ou não convencional e comuniquem posições relativas à localização de pessoas e objetos.

A criança utiliza seus conhecimentos para contar oralmente objetos. Um aspecto importante a observar é se as crianças utilizam a contagem de forma espontânea para resolver diferentes situações que se lhe apresentam, isto é, se fazem uso das ferramentas. [...] também pode-se observar se, ao contar objetos, sincronizam seus gestos com a sequência recitada; se organizam a contagem; se deixam de contar algum objeto ou se o contam mais de uma vez. O professor deverá acompanhar os usos que as crianças fazem e os avanços que elas adquirem na contagem. (RCNEI, v3, p. 238).

Diante das informações obtidas e observações realizadas em sala de aula, percebe-se que existe toda uma cobrança para que essas crianças pré-escolares adentrem a alfabetização já sabendo ler e escrever. Para isso as professoras devem estar preparadas para adaptar suas abordagens de ensino às necessidades individuais das crianças e às pré-estabelecidas pelo sistema de ensino. Isso deve envolver a criação de atividades diferenciadas que atendam aos diversos níveis de aprendizado dentro da sala de aula.

Os critérios de avaliação devem ser compreendidos como referências que permitem a análise do seu avanço ao longo do processo, considerando que as manifestações desse avanço não são lineares, nem idênticas entre as crianças (RCNEI, v3, p 159).

No geral, os educadores desempenham um papel importante para a construção de uma base sólida para a aprendizagem das crianças na Educação Infantil. E partindo das ferramentas

avaliativas essa construção de aprendizagem requer um compromisso com a observação, reflexão e adaptação contínuas das práticas pedagógicas para atender às necessidades individuais de cada criança.

Em conversa com as entrevistadas, foi relatado sobre as Diagnósticas avaliativas realizadas com essas crianças. Nelas são avaliados os eixos de ensino Língua Portuguesa e Matemática. São atividades específicas feitas aos fins das unidades com o intuito de visualizar o desenvolvimento das crianças. Desta forma, a professora relatou em entrevista que essas avaliações diagnósticas servem para:

*Nos dá um panorama de como eles estão aprendendo com estão se desenvolvendo. Óbvio que eu falei, é avaliação, é um processo contínuo e que essas essas atividades diagnósticas elas são termômetro pra gente, né? Até pra gente conseguir avaliar o nosso próprio trabalho, né? E aí onde é que a gente tá errando né? Onde é que a gente pode consertar o que que a gente pode fazer pra que aquela criança consiga alcançar o objetivo esperado? Tem a questão de mudança, de metodologia. (Ana – Professora regente)*

Porém, essas avaliações geralmente acabam não tendo um resultado tanto quanto o esperado pelo fato de ser algo mais específico, uma vez que a avaliação é contínua e deve ser feita a todo momento. A avaliação vai desde observar e registrar as aprendizagens da língua escrita e da matemática até observar e registrar uma brincadeira, uma dança, as atividades do dia-a-dia. Logo, com uma atividade diagnóstica como essa feita pela escola, as crianças podem se sentirem pressionadas no momento de responder e se deixar atrapalhar pelo nervosismo, pela ansiedade, o medo de “errar”, como destaca a estagiária do RP:

*A avaliação diagnóstica é feita no final de cada unidade e as perguntas dessa avaliação são referente aos conteúdos trabalhado durante toda a unidade. Na minha opinião eu acho a avaliação diagnóstica muito complexa e ela não dá um suporte necessário pro professor fazer essa crítica e essa reflexão. Por quê essa avaliação ela é extensa, muitas perguntas são feita e as crianças não sabem ler e aí o professor faz a leitura e aí quando termina de fazer a leitura ela já não entende o que é que é para fazer e o qual é a proposta da pergunta e acabam ficando cansada e aí responde de qualquer jeito [...] E além disso tudo às vezes ela fica nervosa, ela fica afobada e aí quer responder logo, não reflete sobre e aí responde depressa. (Fernanda - estagiária do RP)*

E continua:

*Se você perguntar em um outro contexto sobre algum assunto eles vão lhe responder. Do jeito que eles entenderam de outro jeito mas ali no momento da prova ele responde o que o que vier o que eles acham que é e isso não significa que eles não saibam, né? Então eu acho eu acho a avaliação diagnóstica muito complexa pra educação infantil desta forma. (Fernanda - estagiária do RP)*

Sob essa perspectiva, a Educação Infantil conta com a BNCC, que destaca os seguintes objetivos para esse nível da educação escolar:

Ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades dessas crianças, diversificando e consolidando novas aprendizagens, atuando de maneira complementar à educação familiar – especialmente quando se trata da educação dos bebês e das crianças bem pequenas, que envolve aprendizagens muito próximas aos dois contextos (familiar e escolar), como a socialização, a autonomia e a comunicação (BRASIL, BNCC, 2018, p. 36)

Ou seja, na Educação Infantil a avaliação não deve estar concentrada na classificação das crianças como "aptas" ou "não aptas". Em vez disso, o objetivo é criar um ambiente inclusivo que promova o desenvolvimento pleno de todas as crianças, reconhecendo que cada uma tem seu próprio ritmo de aprendizado. Além disso, avaliar vai além do desenvolvimento cognitivo, é essencial um olhar mais atencioso para o desenvolvimento emocional, social, físico e criativo das crianças.

Na Educação Infantil o professor pode estar negligenciando a avaliação dos alunos quando não executam bem o planejamento ou o executam de forma parcial. Ou ainda quando não entendem que a avaliação não é somente do aluno, mas, do processo, das escolhas docentes, das estratégias usadas etc. E, ainda, que a avaliação é um diagnóstico que nos aponta o que precisa ser feito a partir dali, conforme alerta Hoffman (2018).

Uma educação de qualidade deve ser aquela que garanta os direitos de aprendizagem de todas as crianças e tenha isso como uma prioridade, envolvendo práticas inclusivas e acessíveis que promovam a igualdade de oportunidades para todos. Quando se trata da educação inclusiva os educadores devem planejar cuidadosamente as atividades e experiências de aprendizado para garantir que atendam às necessidades e interesses das crianças, estando atentos a seleção de materiais, a criação de oportunidades de exploração e a definição de objetivos educacionais adequados ao desenvolvimento infantil. Com isso, a avaliação pré-escolar deve se atentar a diversificação e adaptação do currículo diante das diferentes características e necessidades educativas de cada aluno.

Tendo em vista que a sala observada possui um aluno autista, é importante trazer uma breve discussão sobre a avaliação na Educação Inclusiva. Nesse sentido, Vagula e Vedoato trazem que a Educação Inclusiva pode ser concebida (2014) como:

[...] a capacidade de acolher a todos, independentemente de suas condições; possibilita revisão de nossas práticas, para assim, construir a escola da diversidade. Na escola de todos não há espaço para práticas que exijam o

domínio de aprendizagem de todos da mesma forma; a inclusão acontece por meio do acesso a um currículo flexível e adaptado, atividades e materiais diversificados (VAGULA; VEDOATO, 2014, p.4).

A avaliação inclusiva deve ser feita de forma que o aluno receba aos poucos as porções de conteúdos e que naquele momento faça sentido para ele, aos poucos ele vai se adaptando e entendendo aquilo que ele está fazendo. Não é que ele não seja capaz, mas seu desenvolvimento é mais lento e requer mais atenção, é um processo que deve ser feito de forma minuciosa. Como afirma Paulo Freire (FREIRE, 2003, p. 47), “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

Sobre essa perspectiva da avaliação na Educação Inclusiva as professoras relatam:

*[...] Então na hora da gente avaliar essa criança ele não vai responder é igual, né? A depender do nível que ele consta do nível dificuldade que ele tem, qual é a síndrome, qual a deficiência que ele tem, tu não vai conseguir responder da mesma maneira que uma criança é dita, né? Normal, né? Atípica vai responder, então a gente faz a adaptação daquilo. Por exemplo, o meu aluno ele tem a dificuldade na escrita, mas ele reconhece todas as letras, ele reconhece o nome dele, ele reconhece os números, ele reconhece as cores [...]* (Ana – Professora Regente)

*Eu vejo a diferença entre o que eu vou avaliar no autista. Eu vou avaliar mais naturalmente porque ele não gosta de escrever, na escrita ele não vai. Aí eu vou avaliar ele oralmente. Através de um jogo de raciocínio através de uma brincadeira através da identificação das letras e posso fazer também com o meu aluno autista. Ele pode fazer isso e ele faz. E as avaliações que acontecem por unidade às vezes tem modificação porque geralmente as atividades ela é escrita né? E é xerocopiado, preto e branco... Pra ele tem que ser colorida maior... Não é e assim não é também que não possa fazer igual com ele, mas ele tem que ser de uma forma diferente, porque a maneira dele aprender é diferente. Ele seria mais prejudicado se a gente tentasse fazer uma avaliação igual.* (Maria – Professora de Apoio)

Nesse sentido, vejo que a avaliação nesse contexto deve possibilitar ao aluno expressar seus conhecimentos, como por exemplo por meio da linguagem oral ou desenhos. Pois a partir do momento em que a avaliação é feita com critérios e métodos restritos, restringe também o aluno de demonstrar o que sabe. É importante que a avaliação abra caminhos não só para o processo de ensino, mas dê possibilidades de promover o aprendizado.

Nesse caso em específico de um aluno autista é importante que a avaliação atenda às suas especificidades e seja adaptada de forma que esse aluno mostre o que sabe e ao mesmo tempo permita que ele aprenda. A avaliação não deve ser pensada somente no momento de ser executada, mas ela deve ser previamente planejada de forma que todos os alunos sejam



contemplados nesse processo, levando em consideração o que cada aluno precisa e quais questões precisam ser trabalhadas, ou a avaliação acaba por se tornar classificatória e excludente.

De acordo com Oliveira e Campos (2005):

A avaliação deve se caracterizar como um instrumento capaz de estabelecer as condições de aprendizagem do aluno e sua relação com o ensino. Seus procedimentos devem permitir uma análise do desempenho pedagógico, oferecendo subsídios para o planejamento e a aplicação de novas estratégias de ensino que permitam alcançar o objetivo determinado pelo professor em cada conteúdo específico (OLIVEIRA; CAMPOS, 2005, p. 53).

Desta forma, Hoffmann (2009, p. 21) afirma que “[...] a avaliação direciona-se, essencialmente, para frente, não para julgar e classificar o caminho percorrido, mas para favorecer a evolução da trajetória do educando”. Sendo assim, avaliação é um norte para que o professor compreenda suas práticas, metodologias e ferramentas tanto de ensino quanto avaliativas, e ao mesmo tempo permiti a ele um olhar mais amplo diante de cada aluno.

Ressaltando que a avaliação não é um instrumento de julgamento, mas uma ferramenta que auxiliara e contribuirá gradativamente para um melhor ensino e um melhor desempenho das crianças.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização desta pesquisa permitiu perceber o quão importante é a relação professor-aluno para que haja qualidade no processo de ensino e aprendizagem da criança. Sendo assim, o professor é um mediador, um facilitador desse processo, com isso, é importante que ele utilize de métodos e práticas pedagógicas que despertem na criança o interesse em aprender, participar e interagir dentro da sala de aula. Nesse processo de ensino e aprendizagem é essencial que o professor também compreenda o contexto de cada criança, as singularidades de cada um, pois cada criança vem de uma realidade diferente e possuem experiências de vida distintas.

Com isso, as ferramentas avaliativas na idade pré-escolar devem ser utilizadas de forma que auxilie esse processo, contribuindo com o desenvolvimento das crianças e ao mesmo tempo dando ao professor uma visão das dificuldades e avanços de cada criança. É essencial que esse processo de avaliação não seja realizado na intenção de classificar os alunos como “certo” ou “errado”, mas sim dá possibilidades de criação de novos métodos, práticas pedagógicas, dando margem também para novas intervenções, para repensar o planejamento pedagógico, o currículo escolar.

Desta forma, a pesquisa chama atenção para os recursos avaliativos que vêm sendo utilizados com essas crianças, pois estes devem ser utilizados de forma que possibilite as condições de aprendizagem de cada estudante, proporcionando que as atividades planejadas estimulem sua criatividade, promovam sua interação social e com o meio, e desenvolvam suas potencialidades educativas.

No que se refere à avaliação da escola colaboradora, o instrumento avaliativo foi justificado como um procedimento que busca mostrar o desenvolvimento e a evolução das crianças, possibilitando assim uma visão global da aprendizagem ao longo do ano letivo. A professora utilizava essas atividades diagnósticas para visualizar o nível de desenvolvimento das crianças nos eixos de Língua Portuguesa e Matemática.

Uma vez que, a aprendizagem não se dá apenas no ato de ler e escrever, mas também através das artes, dos movimentos, da interação da criança com a turma, logo essas atividades diagnósticas ao invés de mostrar os avanços de aprendizagem das crianças, podem acabar mostrando o contrário pois, ao se deparar com uma atividade desse nível as crianças ficam nervosas, ansiosas, sentem medo de “errar”, de não “saber” responder e podem “ir mal” nas avaliações e serem “julgadas” de forma equivocada.

E outro ponto, é o fato de ser um recurso avaliativo bastante restrito por se limitar a critérios e habilidades específicos e não dar à criança a liberdade de auto-expressão do seu conhecimento, o que poderia ser explorado de forma oral, através das artes, da música, do teatro e principalmente por meio dos desenhos, um momento em que as crianças se sentem à vontade para se expressarem. Como afirma Maureen Cox (2008), desenhar é uma atividade natural e faz parte da espontaneidade das crianças.

Pode-se afirmar ainda que tanto a Professora Regente quanto a Professora de Apoio, a estagiária do RP e a Coordenadora Pedagógica da escola pesquisada demonstram ter conhecimento teórico acerca da avaliação e reconhecem o valor e a importância de se avaliar na Educação Infantil.

Apesar do foco principal da escola em avaliar/averiguar os conhecimentos restritos à escrita, leitura e matemática, consideramos que a avaliação na Educação Infantil deve ser um processo contínuo, espontâneo, leve e agravável com foco em promover uma educação de qualidade e proporcionar um desenvolvimento prazeroso para a criança. Quanto ao papel dos profissionais da educação, devem ser de mediadores das aprendizagens, buscando práticas pedagógicas, metodologias, recursos e planejamentos que encoraje e oriente os alunos, visando assim um processo de avaliação inclusivo, contínuo e sistemático.

Para isso é fundamental a existência de instrumentos de registros das aprendizagens das crianças para que o professor os tenha como base ao final de um determinado período (mês, bimestre, trimestre etc) e não somente avaliações diagnósticas únicas ao final de cada Unidade de ensino.

## REFERÊNCIAS

BASSEDAS, E. HUGUET, T.; SOLÉ, I. **Aprender e ensinar na educação infantil**. Porto alegre: Artes Medicas Sul, 1999.

BRANDÃO, Z. **A dialética macro/micro na sociologia da educação**. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, SP, n. 113, p. 153-165, jul. 2001.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**, de 1988, de 05 de outubro de 1988. Brasília, DF, 5 out. 1988. Disponível em < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao.htm) >

BRASIL. Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961. Fixa as **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em < <https://wwwp.fc.unesp.br/~lizanata/LDB%204024-61.pdf> >

Brasil (1991). **Lei 8.069: Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências**. São Paulo: Satraemfa/CBIA. Disponível em <[https://crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/camara/estatuto\\_crianca\\_adolescente\\_9ed.pdf](https://crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/camara/estatuto_crianca_adolescente_9ed.pdf)>

Brasil (1996). **Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Diário Oficial da União. Brasília, DF: Imprensa Nacional. Disponível em <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf>>

Brasil. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. **Conhecimento de Mundo**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

\_\_\_\_\_ **Introdução**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

Brasil (1998a). Parecer CEB 22, de 17 de dezembro de 1998. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Retirado em 24/03/2004 do Ministério da Educação. Disponível em <[www.mec.gov.br/cne/pdf/CEB22\\_1998.pdf](http://www.mec.gov.br/cne/pdf/CEB22_1998.pdf)>

Brasil (1998b). **Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Retirado em 24/03/2004 do Ministério da Educação. Disponível em <<http://www.mec.gov.br/sef/infantil/rnei.shtm>>

CAMPOS, M.M. **Educação infantil: o debate e a pesquisa**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 101, p. 113-127, jul. 1997. Disponível em < <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/754/766> >

\_\_\_\_\_ **Educação infantil: crescendo e aparecendo**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 80, p. 11-20, fev. 1992. Disponível em < <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/998/1007> >

CARVALHO, Robson Santos de, 1967 – 2021. **A avaliação na escola: guia de conceitos e práticas**. Robson Santos de Carvalho. -1 ed. – São Paulo: Parabola, 2022. 256 p.

CASTILLO ARREDONDO, Santiago; DIAGO, J. C. **Avaliação educacional e promoção escolar**. Curitiba: Ibpe; São Paulo: unesp, 2009a.

\_\_\_\_\_. **Práticas de avaliação Educacional: materiais e instrumentos**. Curitiba: Ibpe; São Paulo: unesp, 2009b.

HOFFMANN, J. **Avaliação Mediadora: Uma prática em construção da pré-escola à universidade**. 32° Ed. Porto Alegre: Mediação, 2012.

\_\_\_\_\_. **Avaliação mito e desafio: uma perspectiva construtivista**. 12ª ed. Porto Alegre: Educação e Realidade, 1993.

\_\_\_\_\_. **Avaliação Mediadora: Uma Relação Dialógica na Construção do Conhecimento**. Disponível em <<http://crmariocovas.sp.gov.br>>

\_\_\_\_\_. **Avaliação mediadora na educação infantil**. In: GUIMARÃES, C. M.; CARDONA, M. J.; OLIVEIRA, D. R. (orgs.). Fundamentos e práticas da avaliação infantil. Porto Alegre: Mediação, 2014, p. 243-254.

\_\_\_\_\_. **Avaliar para promover: as setas do caminho**. Porto Alegre: Mediação, 2009.

\_\_\_\_\_. **Avaliar: respeitar primeiro, avaliar depois** - Porto Alegre; Mediação, 2018.

FACHIN, Odilia. **Fundamentos de metodologia**. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1984.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia** - saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2003

FREITAS, Lia Betriz de Lucca. SHELTON, Terri Lisabeth. **Atenção à primeira infância nos EUA e no Brasil**. Psicologia: Teoria e Pesquisa. Mai-Ago 2005, Vol. 21 n. 2, pp. 197-205. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/S0102-37722005000200010>>

GERHARDT, Tatiana Engel. SILVEIRA, Denise Tolfo Silveira. **Métodos de pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 2. ed. SP: Atlas, 1991.

GIL, Carlos, A. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**, 6ª edição. São Paulo, Atlas, 2017.

KUHLMANN JR., Moysés. **História da Educação Infantil Brasileira.** In: **Revista Brasileira de Educação.** São Paulo: Editores Associados, nº 14, 2000. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/S1413-24782000000200002>>

KRAMER, Sonia. **AS CRIANÇAS DE 0 A 6 ANOS NAS POLÍTICAS EDUCACIONAIS NO BRASIL: EDUCAÇÃO INFANTIL E/É FUNDAMENTAL.** Educ. Soc., Campinas, vol. 27, n. 96 - Especial, p. 797-818, out. 2006 797. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br/>>

LOPES, Karina Rizek; MENDES, Roseana Pereira; FARIA, Vitória Líbia Barreto de. **Coleção PROINFANTIL - Volume 2.** Brasília: MEC. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação a Distância, 2006.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar** [livro eletrônico]: estudo e proposições. 1. ed. -- São Paulo: Cortez, 2013. 1,3 MB; e-PUB.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem na escola: reelaborando conceitos e criando a prática.** 2 ed. Salvador: Malabares Comunicações e eventos, 2005.

LUDKE, André e Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas.** São Paulo: E. P. U: 1986.

MARCONI, M. de A. e LAKATOS, E. M. **Técnicas de Pesquisa.** 6 Ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MAUREN Cox. **O Desenho da Criança.** 3 ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2007.

MERRIAM, S. B. **Qualitative research and case study applications in education.** São Francisco, CA: Jossey-Bass, 1998.

OLIVEIRA, A. A. S.; CAMPOS, T. M. **Avaliação em Educação Especial: o ponto de vista do professor de alunos com deficiência.** Estudos em Avaliação Educacional. v. 16, n. 31, jan./jun. 2005.

Oliveira, M. R. de. **Educação Infantil, fundamentos e métodos.** São Paulo: Cortez, 2007.

PARO, Vitor Henrique. **Reprovação escolar: renúncia à educação.** São Paulo: Xamã. 2001. 168p.

PERRENOUD, Philippe. **Sucesso na escola: só o currículo, nada mais que o currículo.** Cadernos de Pesquisa, n. 119, julho/ 2003.

Plano Nacional de Educação (PNE). **Lei Federal n.º 10.172, de 9/01/2001.** Brasília: MEC, 2001c. BRASIL. Disponível em <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/leis\\_2001/110172.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/110172.htm)>

RABELO, Edmar Henrique. **Avaliação: novos tempos, novas práticas.** 7 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

SILVA, T. Z. **Avaliação na Educação Infantil: um breve olhar na avaliação da aprendizagem.** Revista Thema, v. 9, n. 2, 2012.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D.; GUINDANI, J. F. **Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas.** Revista Brasileira de História e Ciências Sociais, São Leopoldo, RS, Ano 1, n.1, Jul., 2009.

VAGULA, E; VEDOATO, S. C. M. **Inclusão no ensino regular: desafios e perspectivas.** In: VAGULA, E. VEDOATO, S. C. M. Educação inclusiva e língua brasileira de sinais. Londrina: UNOPAR, 2014.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Avaliação: concepção dialética libertadora do processo de avaliação escolar.** 17<sup>a</sup> ed. São Paulo: Libertad, 1994.

VASCONCELOS, Celso dos Santos. **Avaliação da aprendizagem: práticas de mudanças.** São Paulo: Libertad - Centro de Formações e Assessoria Pedagogia, 1998.

VILLAS BOAS, Benigna Maria de Freitas (org.). **Portfólio, Avaliação e Trabalho pedagógico.** Campinas: Papyrus, 2004.

## ANEXOS

**Anexo 1 – Tabulação das diagnósticas avaliativas da I Unidade**

## DIRETORIA DE EDUCAÇÃO INFANTIL

ESCOLA: [REDACTED]

PROFESSORA: [REDACTED]

TURNO: MATUTINO

QUANTIDADE DE ALUNOS: 13

GRUPO V

A atividade diagnóstica é um instrumento que auxilia na averiguação das habilidades que os alunos, ainda, não desenvolveram nos eixos de Linguagem Oral e Escrita e de Matemática. É um importante instrumento para que sejam traçados metas e objetivos de ensino para que os alunos possam alcançar tais habilidades e efetivar o seu processo de aprendizagem.

## LINGUAGEM ORAL E ESCRITA

HABILIDADE	ACERTOS DA TURMA
1. RECONHECE AS LETRAS QUE CONSTITUEM O SEU NOME.	9
2. ESCREVE DE FORMA ESPONTÂNEA O PRÓPRIO NOME (SEM O USO DO CRACHÁ)	6
3. CONHECE AS VOGAIS	2
4. FAZ USO DA ESCRITA DE FORMA NÃO CONVENCIONAL.	9
5. DISTINGUE AS LETRAS DO ALFABETO DE OUTROS SINAIS GRÁFICOS	5
6. IDENTIFICA AS LETRAS INICIAIS E AS FINAIS DAS PALAVRAS	5
7. ENTENDE OS TEXTOS LIDOS PELO ADULTO.	11
8. RECONHECE O VALOR SONORO DE ALGUMAS SÍLABAS	0
9. RECONHECE E ESCREVE AS LETRAS DO ALFABETO	11

## HABILIDADES NÃO ALCANÇADAS POR 50% OU MAIS DA TURMA E AS ESTRATÉGIAS QUE SERÃO UTILIZADAS

HABILIDADES NÃO ALCANÇADAS POR 50% OU MAIS DA TURMA	ESTRATÉGIAS PARA SANAR/DIMINUIR AS DIFICULDADES
Distingue as letras do alfabeto e de outros sinais gráficos	Jogos e brincadeiras com letras e outros objetos, como brinquedos; Durante o trabalho com os textos convidar as crianças para circular as letras ou sinais;
Reconhecer e escrever as letras do alfabeto.	Fazer leitura do alfabeto diariamente, leitura de pequenos textos, bingo das letras, jogos, traçar as letras diariamente em atividades ou no caderno;
Conhecer as vogais	Trabalhar com crachá diariamente destacando as vogais, atividades de completar as palavras com vogais.
Identifica letras iniciais e finais	Diariamente ao trabalhar uma palavra questionar as crianças sobre as letras iniciais e finais; observar as letras iniciais e finais n
Reconhecer o valor sonoro de algumas sílabas.	Jogos e brincadeiras que envolvam o som das sílabas, reconhecimento de palavras com as mesmas sílabas; Bingo e cartazes de sílaba.



HABILIDADE	ACERTOS DA TURMA
1. TRAÇA OS NUMERAIS ATÉ 15.	0
2. CONTA, SEQUENCIALMENTE, PELO MENOS ATÉ 15 RELACIONANDO O NÚMERO A QUANTIDADE	0
3. IDENTIFICA RELAÇÕES DE COMPARAR: VOLUME ENTRE OS OBJETOS E O ESPAÇO – CHEIO/VAZIO.	10
4. IDENTIFICA RELAÇÕES DE POSIÇÃO ENTRE OS ANIMAIS QUANTO AOS TAMANHOS GRANDE E PEQUENO.	10
5. IDENTIFICA RELAÇÕES QUANTO A DISTÂNCIA PERTO/ LONGE TENDO UM PONTO DE REFERÊNCIA.	10
6. RELACIONA AS CORES AOS OBJETOS DO DIA-A-DIA.	10
7. ESTABELECE RELAÇÕES DE TEMPO: DIA/NOITE;	10
8. IDENTIFICA RELAÇÕES DE COMPARAR TEMPERATURA ENTRE OS OBJETOS (QUENTE E FRIO)	10
9. IDENTIFICA AS FIGURAS PLANAS (TRIÂNGULO, QUADRADO, CÍRCULO E RETÂNGULO)	10

10. IDENTIFICA INFORMAÇÕES ORGANIZADAS EM TABELAS	0
---	---

**MATEMÁTICA**

**HABILIDADES NÃO ALCANÇADAS POR 50% OU MAIS DA TURMA E AS ESTRATÉGIAS QUE SERÃO UTILIZADAS**

HABILIDADES NÃO ALCANÇADAS POR 50% OU MAIS DA TURMA	ESTRATÉGIAS PARA SANAR/DIMINUIR AS DIFICULDADES
Traça os números até 15	Realizar o traçado de números de diversas formas (caixa de areia, massa de modelar, escrita, caminhar sobre o número traçado no chão)
Conta sequencialmente, até 15 relacionando o número a quantidade	Contar no coletivo quantos colegas vieram, utilizar estratégias de contagem diariamente
Identifica informações organizadas em tabelas.	Trabalhar com jogos e brincadeiras que incentive o aluno a contar. Sistematizar os dados em tabelas; Trabalhar com informações sobre a turma, idade, quantos meninos quantas meninas.

**APONTE OS ALUNOS QUE APRESENTARAM ACIMA DE 5 ERROS POR EIXO**

ALUNO	HABILIDADE - LOE	HABILIDADE - MATEMÁTICA
██████████	Reconhecer as letras que constituem seu nome Conhecer as vogais fazer uso da escrita de forma não convencional.	Traçar os numerais até 15
██████████	Distinguir as letras do alfabeto de outros sinais Identificar as letras iniciais e finais das palavras. Reconhecer o valor sonoro de algumas sílabas. Reconhecer e escrever as letras do alfabeto.	Conta sequencialmente, pelo menos até 15 relacionando número a quantidade. Identifica as figuras planas triângulo, quadrado, círculo e retângulo. Identifica informações organizadas em tabelas.

██████████ Não fez  
 ██████████ - Não fez  
 ██████████ não fez matemática



## Anexo 2 – Tabulação das diagnósticas avaliativas da II Unidade

### DIRETORIA DE EDUCAÇÃO INFANTIL

ESCOLA: [REDACTED]

PROFESSORA: [REDACTED] TURNO Matutino

QUANTIDADE DE ALUNOS: 12 (10 crianças realizaram as Atividades Diagnósticas) GRUPO V

A atividade diagnóstica é um instrumento que auxilia na averiguação das habilidades que os alunos, ainda, não desenvolveram nos eixos de Linguagem Oral e Escrita e de Matemática. É um importante instrumento para que sejam traçadas metas e objetivos de ensino para que os alunos possam alcançar tais habilidades e efetivar o seu processo de aprendizagem.

### LINGUAGEM ORAL E ESCRITA

	HABILIDADE	ACERTOS	ERROS
1.	ESCREVE O PRÓPRIO NOME E SOBRENOME	5	5
2.	CONHECE E ESCRIVE AS VOGAIS	7	3
3.	IDENTIFICA AS LETRAS DO ALFABETO EM ESTUDO (B, C, D, F, G, H)	4	6
4.	USA A ESCRITA DE FORMA NÃO CONVENCIONAL.	9	1
5.	CONHECE ALGUNS ELEMENTOS QUE CARACTERIZAM OS GÊNEROS TEXTUAIS ESTUDADOS	9	1
6.	COMPREENDE O ENREDO DE UM TEXTO LIDO	7	3

7.	IDENTIFICA SÍLABAS INICIAIS E AS FINAIS DAS PALAVRAS	6	4
8.	RECONHECE O VALOR SONORO DE ALGUMAS SÍLABAS	7	3
9.	LER PALAVRAS FORMADAS POR SÍLABAS CANÔNICAS	7	3
10.	SEGMENTA PALAVRAS EM SÍLABAS	8	2

### HABILIDADES NÃO ALCANÇADAS POR 50% OU MAIS DA TURMA E AS ESTRATÉGIAS QUE SERÃO UTILIZADAS

HABILIDADES NÃO ALCANÇADAS POR 50% OU MAIS DA TURMA	ALUNOS QUE NÃO ALCANÇARAM	ESTRATÉGIAS PARA SANAR/DIMINUIR AS DIFICULDADES – POR ALUNO
ESCREVE O PRÓPRIO NOME E SOBRENOME	[REDACTED] [REDACTED] [REDACTED] [REDACTED]	Escrita nome completo com apoio da ficha diariamente; Identificação do nome completo em cartaz
IDENTIFICA AS LETRAS DO ALFABETO EM ESTUDO (B, C, D, F, G, H)	[REDACTED] [REDACTED] [REDACTED] [REDACTED] [REDACTED]	Bingo das letras; Formação de palavras e sua segmentação; escrita ordenada das letras do alfabeto; Leitura do alfabeto;

**HABILIDADES NÃO ALCANÇADAS POR 50% OU MAIS DA TURMA E AS ESTRATÉGIAS QUE SERÃO UTILIZADAS**

<b>HABILIDADES NÃO ALCANÇADAS POR 50% OU MAIS DA TURMA</b>	<b>ALUNOS QUE NÃO ALCANÇARAM</b>	<b>ESTRATÉGIAS PARA SANAR/DIMINUIR AS DIFICULDADES – POR ALUNO</b>
Escreve os numerais até 15	<p>Aluno 1</p> <p>Aluno 2</p> <p>Aluno 3</p> <p>Aluno 4</p> <p>Aluno 5</p>	Bingo dos números; Escrita, sequenciada, dos numerais até 15; Jogo de identificação dos números (sequenciada e/ou aleatória)

**APONTE OS ALUNOS QUE APRESENTARAM ACIMA DE 5 ERROS POR EIXO**

<b>ALUNO</b>	<b>HABILIDADE - LOE</b>	<b>HABILIDADE - MATEMÁTICA</b>
	Escreve o nome próprio, Conhece e escreve as vogais, Identifica as letras em estudo do alfabeto, Faz uso da escrita de forma não convencional, Conhece alguns elementos que caracterizam os gêneros textuais, Compreende o enredo de um texto lido, Identifica sílabas iniciais e finais das palavras, Reconhece o valor sonoro de algumas sílabas, Ler palavras formadas por sílabas canônicas, Segmenta palavras em sílabas.	Escreve os numerais até 15, Conta, sequencialmente, pelo menos até 15 relacionando número à quantidade, Relaciona os numerais até 15 em dezena e meia dezena, Identifica os instrumentos de medidas, Identifica a passagem do tempo, Identifica noções do significado das operações de adição e subtração, Estabelece relações entre figuras geométricas espaciais e os objetos presentes no seu ambiente.

### Anexo 3 – Entrevista com a Professora Regente



#### GUIA DE ENTREVISTA – PROFESSORA REGENTE

AS PERGUNTAS AQUI PRESENTES SÃO APENAS UM GUIA PARA NORTEAR O MOMENTO DA PESQUISA. AS RESPOSTAS SERÃO GRAVADAS COM O CONSENTIMENTO DA ENTREVISTA E DEPOIS TRANSCRITAS PARA ANÁLISE DE DADOS DA PESQUISA INTITULADA COMO “AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM ESTUDO SOBRE AS PRÁTICAS AVALIATIVAS PARA CRIANÇAS DE 5 ANOS EM UM MUNICÍPIO DA BAHIA”. NOS MOMENTOS DE TRANSCRIÇÃO O NOME DA ENTREVISTADA SERÁ PRESERVADO POR QUESTÕES DE ÉTICA E RESPEITO A IDENTIDADE DA COLOBORADORA.

#### 1. FALE UM POUCO SOBRE SUA TURMA

Ó é uma turma que no início eram quatorze crianças aí saíram duas que foram morar na zona rural, duas meninas. E aí eu fiquei um período com doze e agora estou novamente com catorze crianças. São duas meninas que entraram. A maioria de menino dos das doze crianças eu tenho quatro meninas. Né? O restante de todo menino. E é uma turma com nível de aprendizagem bem diferentes, bem diferentes, né? A gente sabe que né? é a uma heterogeneidade na aprendizagem, mas essa é bem assim, a gente percebe bastante, porque tem muitas crianças que não estudaram, né? Mesmo no grupo e elas não não não passaram pelo grupo quatro. Né? Então tem aí essa questão, né? De crianças sem ter o convívio, né? E a experiência da vida escolar que não tiveram. E para além disso as questões né? A gente tem umas questões comportamentais aí bem acentuadas né? de comportamentos, digamos assim, inadequados, né? São temos aí três crianças que tem um nível de agressividade muito alto, duas delas já estão fazendo o acompanhamento com psicólogo né? A gente já vem fazendo um trabalho com a família pra poder entender o que que tá acontecendo, então a gente sabe mais ou menos aí como é que é a questão familiar, quem é o um pouco complicado, né? Então acaba refletindo esse comportamento agressivo aqui na escola. É deixa eu ver... Eles conseguem assim né? Hoje a grande maioria já consegue acompanhar a rotina escolar mesmo com essas crianças que não estavam né na escola ano passado e delas eu tenho duas crianças que faltam muito então a gente vê também esse esse esse pouco desenvolvimento pedagogicamente falando por conta desse número de faltas.

#### 2. O QUE VOCÊ ENTENDE POR AVALIÇÃO E QUAL A IMPORTÂNCIA DA AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL?

Eu entendo a avaliação como um processo é contínuo né? E que a gente precisa estar atento a especificidade de cada criança não entendo aquela avalia, não enxergo avaliação, como aquela avaliação homogênea, né? Sim enxergar o geral. Né? Mas aquela questão assim de cada criança e o que que a gente pode fazer em cima daquilo assim ó é estabelecer os objetivos e ver o que que elas conseguiram alcançar, porque que não conseguiram alcançar e como a gente pode fazer pra que ela se desenvolva. A gente, principalmente a gente que é pré-escola escola, a gente prepara essa criança pra o fundamental, pra uma alfabetização, né? Eu sei que na a gente, eu sei da importância, né? E acredito, penso que é na educação infantil a criança precisa brincar trabalhar esse corpo é mas o nosso sistema educacional nos exige que a gente prepare né? Entre aspas essa criança dá pra escola para o fundamental, para a alfabetização, né? então por isso que eu penso que a avaliação ela é importante pra gente conseguir é saber o nível de aprendizagem que essa criança se encontra.

### **3. VOCÊ AVALIA SEUS ALUNOS? COMO? QUAIS CRITERIOS VOCÊ UTILIZA PARA AVALIAR SEUS ALUNOS?**

A gente avalia né? Eu avalio os meus alunos o tempo inteiro né? E como é que eles estão, se se naquela aula eles conseguiram alcançar aquele objetivo proposto. Sim. Né? E assim existem os momentos né? Que são estabelecidos pela secretaria, né? Pela pela escola de que a gente precisa fazer as avaliações, tanto é que nós temos as atividades já que não são provas, né? A gente não fala prova da educação infantil não faz prova, mas são umas avaliações que eu enxergo como um termômetro né? Pra gente saber como é que está o nível de aprendizagem daquela criança. Então assim a gente tem três avaliações né? Que é três avaliações mais específicas que é a a avaliação de entrada as diagnósticas de entrada. Sim. Que é quando as crianças chegam e aí a gente faz essa avaliação com elas pra saber qual nível que elas estão de aprendizagem. E aí tempo depois mais ou menos no meio do ano a gente faz a a segunda avaliação que é pra ver o como elas o que que elas aprenderam nesse meio tempo naqueles primeiros objetivos que a gente estabeleceu. Né? Porque a gente tem os objetivos que são pré-estabelecidos na verdade que a gente precisa alcançar e tem a de saída, tem a de entrada de percurso e de saída que é no final do ano. Então são esses três assim principais, mas a gente tá o tempo todo avaliando. É são os critérios das habilidades que são pertinentes praquela faixa etária. Então um exemplo é a primeira avaliação, né? Isso. Que é a avaliação de entrada. Vou dar Vou dar um exemplo de um objetivo. O o objetivo que a habilidade que a criança é é precisava ter adquirido é a escrita do nome? Do primeiro nome com ou sem o auxílio do crachá né? Da ficha do nome a gente vai avaliar. Então esses são os critérios e aí a cada etapa, a cada etapa. A gente, então os critérios são esses, são as habilidades, né? Pertinentes àquela faixa etária.

### **4. QUAIS AS DIFICULDADES ENCONTRADAS NO PROCESSO DE AVALIAÇÃO DA TURMA E QUAIS SÃO OS PROCEDIMENTOS DIANTE DOS RESULTADOS DAS AVALIAÇÕES DAS CRIANÇAS?**

É mais por uma questão assim é dá, digamos que dá agitação da turma, né? Assim, dando o nível de concentração que é muito pequeno, então a gente, eu tenho essa dificuldade, né? De conseguir avaliar de uma maneira correta né que a gente ela acaba não conseguindo, com olhar as as vezes com o olhar mais cuidadoso por conta da própria dinâmica da sala e do que a gente precisa cumprir ali de obrigação de conteúdo, enfim, do que nos exigir. Então é mais a dinâmica mesmo do dia a dia da rotina. Sobre os diferentes níveis eu não não de avaliação pra mim não

interfere, na verdade eu acho que até me ajuda. O que interfere mais é no desenvolvimento aqueles conteúdos que a gente precisa digamos da conta. Né? Porque como são níveis diferentes por exemplo eu tenho criança que não sabe o alfabeto né? E a gente eé trabalha contra o vocálico. Então como é que eu consigo trabalhar encontro vocálico com aquela criança? Se ela não sabe, se ela não sabe o alfabeto, entende? Então não é nem o a avaliação em si, é o desenvolvimento daqueles conteúdos.

A gente tem uma tabulação que a gente vê assim é é os acertos e erros da da de cada criança e a gente consegue com essa tabulação a gente consegue perceber o maior número de erros em cada habilidade? Né? E sim, aí sim, aí a gente tem um plano de ação. Então nesse plano de ação a gente vai é construir quais são as ações e qual a periodicidade que a gente vai fazer por alunos. Entendeu?

##### **5. COMO VOCÊ AVALIA OS SEGUINTE EIXOS DE ENSINO? O QUE VOCÊ COSTUMA FAZER DIANTES DOS RESULTADOS DESSAS AVALIAÇÕES?**

<b>EIXOS</b>	<b>COMO É AVALIADO?</b>
Linguagem Oral e Escrita	Como são organizados e planejados os conteúdos para que a criança simultaneamente tenha contato com a leitura e a escritas? Como a linguagem oral e escrita é praticada em sala de aula?
Matemática	Quais instrumentos são utilizados para trabalhar a matemática? Como os conteúdos são organizados?
Diante dos eixos apresentados, serão observados como cada um é trabalhado em sala de aula (atividades propostas, conteúdos), como as crianças são avaliadas, como é feita as observações e registros por parte do professor. Em seguida, a observação feita em sala de aula será analisada de acordo com as leituras dos documentos/orientações do RCNEI voltadas para cada eixo.	

Dentro do dos eixos de ensino o de linguagem oral escrita é, por exemplo, se reconhece se reconhece o nome, se consegue fazer a escrita do nome, se reconhece as vogais que foram trabalhadas naquele as letras, não é nem consoantes letras que foram trabalhadas naquele período. É com relação a a se consegue compreender um texto lido por um adulto. São essas são algumas habilidades estão dentro daquela primeira etapa, da da de cada etapa que é avaliado. Aí é isso, a partir disso que a gente faz a tubulação e que a gente vê, por exemplo, um aluno que não consegue escrever o próprio nome aí a partir disso a gente faz um encaminhamento de atividades que a gente vai fazer com aquela criança. Entendeu? Em matemática é existe instrumentos específicos pra avaliação matemática, tem tem a avaliação de linguagem oral escrita e a avaliação de matemática. E dentro dessas são as habilidades, né? Pertinentes praquele grupo e pra aquele período. Aí os encaminhamentos são da mesma forma. É sobre a as

avaliações que são realizadas a fim das unidades são essas de entrada, percurso e saída, é a gente tem também a questão dos relatórios que a gente faz passar pras famílias como é que tá essa criança e a gente tem o sistema SAGRES né? Que a gente usa dentro do sistema SAGRES tem o desempenho do aluno e aí vem por unidade e aí tem as habilidades que são conquistadas ou não, a gente dá se trabalhou aquela habilidade ou se num trabalhou e aí qual o nível de conhecimento, digamos assim que aquela criança tá dentro daquela habilidade.

**6. O QUE VOCÊ ACHA DAS AVALIAÇÕES REALIZADAS AO FIM DE CADA UNIDADE? QUAL A RELAÇÃO DESSA AVALIAÇÃO COM A APRENDIZAGEM AS CRIANÇAS? APÓS A “APLICAÇÃO” DESSAS AVALIAÇÕES, QUAIS OS PROCEDIMENTOS ADOTADOS PELOS PROFESSORES E GESTÃO DA ESCOLA?**

É como a gente vai fazer, né? Assim, porque nos dá um panorama de como eles estão aprendendo com estão se desenvolvendo. Óbvio que eu falei, é avaliação, é um processo contínuo e que essas atividades diagnósticas elas são termômetro pra gente, né? Até pra gente conseguir avaliar o nosso próprio trabalho, né? E aí onde é que a gente tá errando né? Onde é que a gente pode consertar o que a gente pode fazer pra que aquela criança consiga alcançar o objetivo esperado? Tem a questão de mudança, de metodologia. Práticas, Tem, a gente tem, tanto é que a gente tem o conselho de classe, né? O conselho de classe a gente discute isso. Né? Tem as coordenações e dentro tem o conselho de classe que a gente vai discutir ó eu trabalhei dessa forma, mas eu pude perceber que dessa forma a turma não conseguiu atingir e até no próprio dia a dia a gente consegue ter muito fácil, a gente consegue perceber isso e aí fazer caminhos, né e por outros caminhos. É isso é do conselho de classe que a gente tem o plano de ação e aí a gente executa esse plano de ação. Que é bem detalhadinho o plano de ação. É quem é a criança qual a habilidade, como é feito, qual a frequência.

**7. HÁ DIFERENÇA ENTRE A AVALIAÇÃO DAS CRIANÇAS COM N.E E AS CRIANÇAS SEM N.E? FALE – ME UM POUCO SOBRE.**

A gente tem assim por exemplo é essas atividades de diagnóstica elas vem da secretaria pronta sim né? E aí a gente é a professora de apoio essas crianças tem a professora de apoio que é muito parceiro, né? Nosso. Então na hora da gente avaliar essa criança ele não vai responder é igual, né? A depender do nível que ele consta do nível dificuldade que ele tem, qual é a síndrome, qual a deficiência que ele tem, tu não vai conseguir responder da mesma maneira que uma criança é dita, né? Normal, né? Típica típica vai responder, então a gente faz a adaptação daquilo Por exemplo, o meu aluno ele tem a dificuldade na escrita, mas ele reconhece todas as letras, ele reconhece o nome dele, ele reconhece os números, ele reconhece as cores que por exemplo um aluno aqui não tem nenhuma síndrome, mas que não frequentou a escola, não sabe as cores, não sabe o alfabeto né? Então assim eu não posso aplicar essa atividade da mesma maneira que faço, então a gente faz como? Através de de imagens, né? Com a fala dele e a gente vai anotando ó ele conseguiu eu escrevo na atividade, aí seria o trabalho da da linguagem oral, né? Isso, da linguagem oral. acho que eu consegui assim fazer, né? Dar um panorama de comé que a gente faz a avaliação e assim, reforçando que a avaliação ela não se dá apenas nessas três situações, né? Como eu falei, essas três situações da avaliação diagnóstica, elas são um termômetro pra gente. Mas essa avaliação ela é contínua. É diária.

## Anexo 4 - Entrevista com a Professora de Apoio



### GUIA DE ENTREVISTA – PROFESSORA DE APOIO

AS PERGUNTAS AQUI PRESENTES SÃO APENAS UM GUIA PARA NORTEAR O MOMENTO DA PESQUISA. AS RESPOSTAS SERÃO GRAVADAS COM O CONSENTIMENTO DA ENTREVISTA E DEPOIS TRANSCRITAS PARA ANÁLISE DE DADOS DA PESQUISA INTITULADA COMO “AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM ESTUDO SOBRE AS PRÁTICAS AVALIATIVAS PARA CRIANÇAS DE 5 ANOS EM UM MUNICÍPIO DA BAHIA”. NOS MOMENTOS DE TRANSCRIÇÃO O NOME DA ENTREVISTADA SERÁ PRESERVADO POR QUESTÕES DE ÉTICA E RESPEITO A IDENTIDADE DA COLOBORADORA.

#### 1. O QUE VOCÊ ENTENDE POR AVALIAÇÃO E QUAL A IMPORTÂNCIA DA AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL?

Avaliação pra mim é tudo aquilo que o aluno faz na sala de aula a partir do momento que eu chego e começo a observar o que ele faz o jeito dele fazer atividade, o jeito dele se expressar, o jeito dele se relacionar com os coleguinhas tudo isso aí é um tipo de avaliação que eu vou fazendo com a criança. A educação infantil é muito importante a gente avaliar, porque aí que começa todo o processo de aprendizagem, né? É uma criança chega na escola com quatro anos e aí nós começamos a observar o jeito dela é tratar o coleguinha nas brincadeiras, seja ela de movimento, seja ela de traçar a letrinha do nome, seja ela de identificar o a cor, seja ela de é saltar, pular uma dancinha, a maneira maneira de de de do carinho, da atenção, tudo isso é uma maneira de de é importante a gente avaliar. Né? Para o o o processo de aprendizagem da criança.

#### 2. COMO VOCÊ OBSERVA A AVALIAÇÃO NA TURMA? QUAIS INSTRUMENTOS E CRITERIOS AVALIATIVOS SÃO UTILIZADOS NA SALA DE AULA?

É uma sala um pouco difícil de avaliar né? Você já percebeu pelo pouco tempo que você está ali você já percebeu é a criança cada um é cada um a gente não pode comparar, né? Cada criança tem um caso, cada criança é uma realidade. Na sala eu vejo a avaliação através da de atividades, através de brincadeiras, através de de jogos, ela ela é um conjunto. Né? Avaliação é um conjunto de tudo é um pouquinho.



### **3. QUAIS AS DIFICULDADES ENCONTRADAS NO PROCESSO DE AVALIAÇÃO DA TURMA?**

A dificuldade que eu vejo é por ser uma turma agitada.

### **4. VOCÊ PERCEBE DIFERENÇA ENTRE AVALIAR UM ALUNO COM NECESSIDADES ESPECIAIS E UM ALUNO QUE NÃO NECESSITA DE ACOMPANHAMENTO ESPECÍFICO?**

Eu vejo a diferença entre o que eu vou avaliar o autista, eu vou avaliar mais naturalmente porque ele não gosta de escrever, na escrita ele não vai. Aí eu vou avaliar ele oralmente. Através de um jogo de raciocínio através de de de uma brincadeira através da da identificação das letras e posso fazer também com o meu aluno autista. Ele pode fazer isso e ele faz. Ele faz. E as avaliações que acontecem por unidade às vezes tem modificação porque geralmente a as atividades ela é escrita né? E é xerocopiado, preto e branco pra ele tem que ser colorida maior e outro dia teve uma avaliação diagnóstica é com ele foi feito oralmente porque ele não escreve. Mas a gente sabe que é mais lento. Mais lento. Não é e assim não é também que não possa fazer igual com ele, mas ele tem que ser de uma forma diferente, porque a maneira dele aprender é diferente. Seria mais prejudicado. Ele seria mais prejudicado se a gente tentasse né? Tentar fazer uma avaliação igual, faz avaliação igual, mas de maneira diferente, então ele vai ser avaliado, mas de forma diferente, com as mesmas coisas mas de forma diferente.

## Anexo 5 - Entrevista com a Coordenadora Pedagógica



### GUIA DE ENTREVISTA – COORDENADORA PEDAGÓGICA

AS PERGUNTAS AQUI PRESENTES SÃO APENAS UM GUIA PARA NORTEAR O MOMENTO DA PESQUISA. AS RESPOSTAS SERÃO GRAVADAS COM O CONSENTIMENTO DA ENTREVISTA E DEPOIS TRANSCRITAS PARA ANÁLISE DE DADOS DA PESQUISA INTITULADA COMO “AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM ESTUDO SOBRE AS PRÁTICAS AVALIATIVAS PARA CRIANÇAS DE 5 ANOS EM UM MUNICÍPIO DA BAHIA”. NOS MOMENTOS DE TRANSCRIÇÃO O NOME DA ENTREVISTADA SERÁ PRESERVADO POR QUESTÕES DE ÉTICA E RESPEITO A IDENTIDADE DA COLOBORADORA.

#### **1. O QUE VOCÊ ENTENDE POR AVALIAÇÃO? QUAL A IMPORTÂNCIA DA AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL?**

Avaliação é avaliar, é observar né? É registrar quando falamos de de educação infantil vale muito a pena falar também do registro né? E tem aí a segunda pergunta. Qual a importância da avaliação na educação infantil? Então fazemos esses registros né? Diariamente do aluno e do desenvolvimento da turma pra poder estar fazendo uma avaliação geral, né? Que essa avaliação geral que fazemos ao final de cada unidade é o relatório, um relatório descritivo onde tem todas as informações da criança durante durante aquele período ou seja, durante a unidade, né? E sobre o seu desenvolvimento, sobre as habilidades que adquiriu, sobre as habilidades que ainda precisam, né? Não tem uma avaliação específica para educação infantil. É feito os registros, né? E fazemos a a avaliação diagnóstica, né? Que essa avaliação ela não cobra nota, não tem nenhum valor. O que que a gente observa nessa avaliação? É uma atividade que a gente só observa a questão do desenvolvimento da criança, né? Sobre as habilidades para cada grupo se a criança já consegue fazer a escrita do nome, se já reconhece alguns numerais, né? A questão numérica também, então fazemos esse diagnóstico tanto em linguagem quanto em matemática.

#### **2. COMO É DESENVOLVIDA A AVALIAÇÃO NA ESCOLA? QUAIS INSTRUMENTOS E CRITERIOS AVALIATIVOS SÃO UTILIZADOS? QUAIS OS RECURSOS OFERECIDOS AOS PROFESSORES PARA AVALIAR OS ALUNOS?**

Os professores avaliam as crianças né? A partir desse registro diário e o professor tem um portfólio e ele faz todos esses registros né? Do desenvolvimento da aula e a criança que acompanhou a criança que ele percebeu que teve dificuldade então assim diariamente os

professores fazem esse registro num portfólio e também tem um sistema né? Que o município aderiu no ano passado em dois mil dois mil e vinte e dois o o município aderiu ao Sistema Sagres. Então assim diariamente a frequência é lançada nesse nesse sistema assim também como algumas observações né? Algumas anotações dos professores. Então agora esse sistema facilita mais né a questão de registros, e de frequência, do acompanhamento, né? Da criança durante a a a pré-escola, a questão das habilidades que precisam ser construídas durante a educação infantil. Então o sistema veio, né? Pra facilitar esses registros do professor. Então os critérios que são utilizados são as habilidades que vem lá no plano de curso tanto do G4 quanto do G5 e aí essas habilidades que vão ser as habilidades que precisam ser alcançadas em cada série. Então assim as crianças são avaliadas a partir desse plano de curso né? Que é de acordo com a BNCC e aí os professores registram quais são as habilidades que as crianças já alcançaram, já superaram, as que precisam superar.

### **3. COMO FUNCIONA AS AVALIAÇÃO FEITAS AOS FINS DAS UNIDADES? COMO ESSES RESULTADOS SÃO UTILIZADOS? QUAIS CRITÉROS UTILIZADOS PARA ESSAS AVALIAÇÕES?**

Então a atividade diagnóstica ela é feita pela coordenação no caso eu fiz essa atividade diagnóstica de acordo com as habilidades que tem no plano de curso né? Que o plano de curso que vai fazer a orientação do do professor do ensino durante o ano. Então de acordo com aquele plano de curso né? São selecionadas dez habilidades principais né? De linguagem oral e escrita e dez habilidades de matemática.

Então cada questão contempla uma habilidade. E aí ao final de de da aplicação, né? Do do aluno ter respondido aquela atividade o professor vai ver quantos erros, quantos acertos teve em cada em cada eixo. Ou linguagem ou em matemática. E aí depois é feito uma tabulação de dados né? E ao final de cada unidade fazemos uma análise né? Dos avanços como eu falei dos desafios em relação a unidade anterior. E aí esses dados são apresentados pra toda escola né? Para os professores. Nesse de conselho de classe e posteriormente eu a coordenadora né? Apresento esses dados para a Secretaria de Educação então o professor faz essa socialização comigo dos dados né? E aí e aí eu passo a fazer essa socialização com a Secretaria de com a Secretaria de Educação. Que temos uma diretora da educação infantil. Então todo os todos os dados, né? Da escola cada professor, de cada turma são registrados, né? E é passado para a Secretaria Municipal de Educação. Então a gente faz uma tabulação desses dados para que todos tenham acompanhamento né?

Então a gente consegue acompanhar de perto né? Essa criança o seu desenvolvimento a partir desses dados que são registrados por unidade. Então assim por exemplo uma criança que é do grupo quatro e vai ser nosso aluno no ano no próximo ano. Conseguimos ter um controle, né? Do que que essa criança já sabe, o que que ela vai chegar no grupo cinco. E, sabendo o que que a gente vai precisar fazer de intervenção nesse momento de acolhida da nova turma. Então assim, a gente consegue ter esse controle. E também como é uma rede, né? O os nossos alunos do grupo cinco e também são avaliados por relatório final então esse relatório também a gente tem uma socialização com as unidades que vão receber essas crianças então assim é algo muito muito assim bem pensado né nada solto então é algo essas avaliações não são a toas né não são em vão é algo que é bem pensado que é passado também é adiante pra que a gente consiga acompanhar mesmo de perto essa criança. E agora como eu falei também a questão do sistema né? Essa questão do sistema da a questão da tecnologia ajuda mais ainda nesse controle, nesse registro nesses dados, né? Que ficam salvos no sistema.

#### **4. O QUE É FEITO PARA CHEGAR A ESSES RESULTADOS (EX.: ATIVIDADES ESPECÍFICAS PARA ESSE PROCESSO)?**

Com relação aos resultados é toda a coordenação pedagógica a gente tem esse momento de conversa com os professores né? Os professores é falam sobre os sobre o trabalho, sobre o que está inquietando em relação a alguma criança se alguma dificuldade que eles estão tendo em sala de aula, então eles tem esse momento também de socialização na coordenação e ao final de cada unidade o Conselho de Classe, né? Que é o momento que o professor vai apresentar os avanços e as dificuldades, né? Que tiveram e na unidade, que tiveram com cada aluno, né? O professor vai mencionando o nome de cada criança, as dificuldades, o que precisa fazer de intervenção pra unidade seguinte. Então temos esse momento num conselho de classe. Que a gente faz uma análise de uma unidade para outra e aí depois desses resultados e o professor faz um plano de ação nesse plano de ação ele vai colocar quais foram as habilidades que não foram alcançadas e o que ele vai fazer para que essas habilidades sejam superadas né? Que a criança consiga avançar. Então o professor esse plano de ação pensando diretamente em cada criança, em cada individualidade, né? De cada um. Então é algo que eles param né? Um momento pra fazer essa reflexão do que precisam melhorar, que fazem que fazem, né? Acabam fazendo também uma reflexão da própria prática.

## Anexo 6 - Entrevista com a Estagiária do Programa de Residência Pedagógica



### GUIA DE ENTREVISTA – ESTAGIÁRIA DO PROGRAMA DE RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

AS PERGUNTAS AQUI PRESENTES SÃO APENAS UM GUIA PARA NORTEAR O MOMENTO DA PESQUISA. AS RESPOSTAS SERÃO GRAVADAS COM O CONSENTIMENTO DA ENTREVISTA E DEPOIS TRANSCRITAS PARA ANÁLISE DE DADOS DA PESQUISA INTITULADA COMO “AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM ESTUDO SOBRE AS PRÁTICAS AVALIATIVAS PARA CRIANÇAS DE 5 ANOS EM UM MUNICÍPIO DA BAHIA”. NOS MOMENTOS DE TRANSCRIÇÃO O NOME DA ENTREVISTADA SERÁ PRESERVADO POR QUESTÕES DE ÉTICA E RESPEITO A IDENTIDADE DA COLOBORADORA.

#### 1. O QUE VOCÊ ENTENDE POR AVALIAÇÃO? QUAL A IMPORTÂNCIA DA AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL?

É avaliação pra mim é todo o processo de reflexão sobre a prática né? é no sentido de de refletir sobre sobre as existências, as dificuldades, os avanços, as habilidades adquiridas, é sobre o seu planejamento, planejamento do professor, a forma de ensino, né? A metodologia, se está dando certo, se não está dando certo. Se está alcançando o objetivo esperado, e então a avaliação pra mim é esse processo de reflexão sobre a minha prática ou a aprendizagem do aluno. Avaliação da educação infantil é de extrema importância né? Porque é através da avaliação o professor ele tem uma oportunidade crítica de reflexão né? Sobre o seu planejamento sobre a sua prática e sobre as resistências dos alunos, as habilidades adquiridas, sobre os avanços, as possibilidades que cada um tem como aquele aluno aprende e como é que ele está conseguindo é aprender né? O que está sendo colocado é avaliação né? Educação infantil ela não tem, ela não vem com uma proposta de rotular o aluno de tachar, de de colocar do aluno na média entre zero a dez e mediu a aprendizagem dele através de uma nota de um número. Não, avaliação da educação infantil a proposta é justamente essa, é um processo reflexivo. É um processo de avaliar a prática do professor e o plano e e ver como é que esses alunos estão avançando, estão aprendendo, né? E onde está precisando é focar mais então pra mim é essa a importância da avaliação na educação infantil

## **2. COMO VOCÊ OBSERVA A AVALIAÇÃO NA TURMA? QUAIS INSTRUMENTOS E CRITERIOS AVALIATIVOS VOCÊ PERCEBE QUE SÃO UTILIZADOS NA SALA DE AULA?**

O que eu tenho observado com relação a avaliação da turma que eu acompanho é que a avaliação ela é feita através né? Do processo de do processo né? Avaliado o processo a forma que o aluno está interagindo e a forma que ele se desenvolve ali na aula com os professores, as atividades e e principalmente como ele responde as perguntas que geralmente feitas a interpretação da historinha e a interpretação oral né? Da história contada os números, as letras, o reconhecimento das letras, dos números quando o aluno já está conseguindo separar a letra dos números, consegue escrever seu nome. Então acho que tudo isso e faz faz parte né? Da avaliação dessa turma. E os instrumentos são justamente a oralidade né? E a forma que os alunos interagem a socialização é a forma que eles consegue assimilar os as atividades, as explicações e as respostas que eles e as hipóteses, né? Que eles criam e a escrita do nome próprio, o reconto das histórias também e e os critérios avaliativos são justamente esses, né? Se os alunos eles estão conseguindo é corresponder o objetivo traçado as habilidades. Eu utilizo o a observação e os critérios é como é que eles interage na aula, as respostas que eles dão, as curiosidades que surge a partir do que está sendo trabalhado. E aquilo que ele já traz, as hipóteses, as relações que ele fazem com outros outros assuntos ou o que eles acham sobre aquilo que está sendo falado um recito das histórias e e de acordo com o que eles entenderam e então todo o processo de envolvimento deles na durante as atividades são observados e a partir daí eu faço avaliação se está dando certo, se não está se eles estão conseguindo é se o objetivo está sendo alcançado, se eles estão adquirindo novas habilidades, né? Se tem possibilidade de avançar mais ou de o de procurar outras formas de explicar aquele assunto e principalmente para os que tem mais dificuldades. Então é dessa forma que eu faço processo de avaliação.

## **3. O QUE VOCÊ ACHA DAS AVALIAÇÕES DIAGNÓSTICAS REALIZADAS AO FIM DAS UNIDADES?**

É avaliação diagnóstica ela é feita no final de cada unidade e as perguntas dessa avaliação e são referente aos conteúdos trabalhado durante toda a unidade. Na minha opinião eu acho a avaliação diagnóstica muito complexa e ela não dá um suporte necessário pro professor fazer essa crítica e essa reflexão. Por quê avaliação ela é extensa muitas perguntas são feita muitas perguntas é as crianças não sabem ler e aí o professor faz a leitura e aí quando termina de fazer a leitura ela já não entende o que é que é para fazer e o qual é a proposta da da pergunta e acabam ficando cansada e aí responde de qualquer jeito, pinta de qualquer jeito, pra fazer alguma coisa sem contar que as avaliações e elas tem perguntas de alternativas As crianças ela não sabem ler. E além de não saber ler elas as perguntas são feitas de alternativa. Então assim é difícil pra ela compreender onde é pra marcar e aí ela marca de qualquer forma porque ela não sabe onde é pra marcar, ela não sabe o que que está pedindo. E o professor ele não pode dar pistas, ele não pode explicar o assunto. Então as crianças fica aqui como se fosse uma responsabilidade delas. E ela é ela é responsabilizada por uma por uma coisa que ela não tem ainda condições de responder. Que são essas provas. E além disso tudo às vezes ela fica nervosa, ela fica afobada e aí quer responder logo, não reflete sobre e aí responde de de pressa né da da que é natural da criança dessa idade e às vezes a criança sabe dar resposta. Se você perguntar em um outro contexto sobre algum assunto eles vão lhe responder. Do jeito que eles entenderam de outro jeito mas ali no momento da prova ele responde o que o que vier o que eles acham que é e isso não significa que eles não saibam que eles saibam né Então eu acho eu acho a avaliação diagnóstica muito complexa pra educação infantil desta forma.